

Ensino de Artes

Autora

Elisabeth Seraphim Prosser

IESDE

Ad Maiora Semper!

2009

Esse material é parte integrante do **Curso de Atualização** do IESDE BRASIL S/A,
mais informações www.iesde.com.br

P959 Prosser, Elisabeth Seraphim. / Ensino de Artes. / Elisabeth Seraphim Prosser. — Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009.
80 p.

ISBN: 85-7638-361-6

1. Artes. I. Título.

CDD 700.7



Ad Maiora Semper!

Todos os direitos reservados.

IESDE Brasil S.A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482 • Batel

80730-200 • Curitiba • PR

www.iesde.com.br

Sumário

A Arte no cotidiano e sua importância no processo educativo: Metodologias	5
A presença da Arte no dia-a-dia.....	5
A importância da Arte no processo educativo: por que, como, quando	6
Metodologias do ensino da Arte: Tradicional, Nova, Tecnicista e Histórico-crítica	7
A Arte e a vivência de conceitos éticos	13
A sociedade e o ensino.....	13
A Arte, o desenvolvimento da capacidade e a vivência de conceitos éticos.....	13
O papel do professor	16
A criatividade, a imaginação e a fantasia da criança	19
A criatividade e o impulso criador-representacional	19
A imaginação e a fantasia da criança	20
Descobrimos o eu e interagindo com o mundo externo	21
A elaboração dos estímulos do cotidiano em novos afazeres	22
A Arte como percepção, elaboração, expressão e representação da realidade.....	25
A percepção	25
A elaboração	27
A expressão	27
A representação.....	28
A Arte na Educação: exprimir, fazer ou conhecer?.....	31
A Arte como livre expressão.....	31
A Arte como uma ação.....	31
A Arte como mediadora e como área do conhecimento	33
Arte como construção individual e conjunta	39
Arte, comunicação e espaços socioculturais.....	47
A Arte como forma de comunicação	47
A Arte nos espaços socioculturais e a prática pedagógica.....	49
O lúdico na sala de aula e a escolha dos conteúdos em Arte – o fenômeno sonoro	53
O lúdico e a Arte	53
Sobre o fenômeno sonoro	57
Interculturalidade: Arte e História	61
Arte: expressão social ou coletiva?.....	61
A Arte está mesmo em todas as atividades humanas.....	62
Elementos das linguagens artísticas dos povos na sua história	63
Fórmulas musicais: pedais, bordões e efeitos	65

Arte e tecnologia: a Arte na mídia o rádio, a televisão, o CD, o filme, a internet	69
As linguagens artísticas e as tecnologias	69
Os meios de comunicação no dia-a-dia da criança.....	70
A educação no contexto das multimídias	73
Referências.....	75
Anotações.....	77

A Arte no cotidiano e sua importância no processo educativo: Metodologias

Elisabeth Seraphim Prosser*

O arte-educador, assim como o professor de História da Arte, luta por uma modificação do olhar dos seus alunos, no sentido de aguçá-lo para a crítica consciente, o que irá auxiliar os educandos tanto na formação de seus valores quanto na sua prática cotidiana.

Luciana Paes¹

A presença da Arte no dia-a-dia

Em que meio vivemos? O que temos à nossa volta? O que vemos? O que ouvimos? Que objetos usamos? Em que tipo de construção moramos, estudamos, passeamos?

Estamos mergulhados em um mundo repleto de sonoridade, imagens, objetos, construções, estímulos, solicitações, exigências.

Se nos detivermos um pouco nessas questões, poderemos perceber que por trás do CD que ouvimos, da música cantada no rádio ou na televisão, da trilha sonora de um filme, ou mesmo dos efeitos sonoros de uma propaganda, há todo um processo de criação, de interpretação vocal e instrumental e de tratamento dos sons, realizado, na maior parte, por músicos ou por especialistas nas áreas técnicas do fenômeno sonoro, nas quais também envolvem criatividade, julgamento estético, sensibilidade e expressão.

Ao observarmos a imagem do outdoor, o cartaz que anuncia um evento, a capa da revista, as ilustrações do livro infantil, a fotografia do jornal, a vinheta da televisão, o grafite no muro, veremos que por trás deles estão muitas pessoas que se ocupam de várias formas da arte: da arte da palavra, do desenho, da pintura, da animação, da criação e fixação da imagem em movimento – todas preocupadas com a comunicação de uma idéia por meio de símbolos, linhas, cores, movimento.

Se levarmos em conta, ainda, as casas, as escolas, os prédios públicos, as igrejas, o traçado urbanístico da nossa cidade, reconheceremos a presença do arquiteto, que calcula, conhece os materiais que usa quanto à sua função, durabilidade e adequação e além disso trabalha em uma dimensão não apenas técnica mas também artística, pois a sua prática inclui a criatividade, a imaginação e elementos estéticos como beleza, harmonia, proporção, equilíbrio, adequação à paisagem.

* Mestre em Educação pela PUCPR, na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Especialista em História da Arte, Música. Professora de História da Arte e Estética da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR). Arte Educadora. Autora de diversos livros e artigos publicados no Brasil e no exterior.

¹ Luciana Paes, 19 anos, aluna do Curso Superior de Gravura da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2002.

Olhe para a cadeira na qual você senta, o carro em que anda, a xícara, o garfo, a jarra, o aparelho de telefone, a geladeira. Todos eles, sem exceção, ao lado da sua parte técnica e utilitária, envolvem também outros parâmetros na sua construção: a maioria foi idealizada por desenhistas industriais, que levam em conta o arrojo das novas linhas, as tendências da moda, a preferência das cores por parte dos usuários, a leveza e a plasticidade dos materiais, entre outros.

Mesmo a roupa e o sapato que você usa foram desenhados por alguém que se preocupou com a maleabilidade do tecido ou do couro, com o estilo, com a combinação das cores, com o sentido do corte, a expressividade das costuras. Tudo isso, é claro, sem esquecer dos custos, da possibilidade da produção em série e da facilidade da venda do produto em questão.

O livro que lemos, a poesia estampada na camiseta, as letras chinesas que sabemos significar algo especial, o roteiro do filme que acabamos de assistir – tudo isso são maneiras diferentes de externar o pensamento e as emoções.

Até mesmo as cédulas do nosso dinheiro, que manuseamos diariamente, foram idealizadas e executadas por artistas plásticos de primeira linha e, se repararmos bem, têm elementos de extremo bom gosto e sensibilidade. A arte está presente até na estampa e no modelo dos lençóis com os quais nos cobrimos enquanto dormimos.

Enfim, podemos perceber que a arte participa de cada instante que vivenciamos.

A importância da Arte no processo educativo: por que, como, quando

Se a Arte está presente em todos os momentos do nosso cotidiano, em que medida ela teria espaço no processo educativo? Qual a sua importância e qual a sua dimensão no desenvolvimento do educando rumo à formação do cidadão integral, consciente e atuante?

Na vida da criança, do adolescente e do adulto, a Arte está intimamente ligada ao seu processo de apreensão da realidade, à maneira como ele vê e percebe o meio em que vive, como o entende e como o traduz para si mesmo e para os outros.

A Arte pode ser considerada uma expressão do universo cognitivo e afetivo de cada um, pois revelamos o que sentimos e pensamos quando trabalhamos com ela. Pode ela ser uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e a reconstrói usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos.

Assim, ao examinar o papel da Arte no processo educativo infantil, vemos que ela, além de ser veículo de expressão do pensar e do sentir da criança, é me-

diadora do aprendizado relativo tanto ao seu mundo interno, quanto externo. Isso porque ao desenhar, pintar, dançar, representar, criar formas e fenômenos sonoros, na realidade a criança está elaborando o seu próprio universo afetivo-cognitivo, que, por sua vez, recebe constantemente estímulos e informações do contexto em que ela vive. Ao mesmo tempo, ela estabelece relações entre o seu mundo pessoal e o meio que a rodeia, em um diálogo construtivo e ininterrupto, alcançando novos patamares de percepção e, conseqüentemente, de ação.

Quando a criança desenha ou canta, por exemplo, ela está representando algo que lhe chamou a atenção. Ou quando canta uma música de que gosta, a letra lhe diz algo ou significa algo importante para ela. No momento da experiência artística, isto é, no decorrer da ação de desenhar ou cantar, ela está relacionando-se com aquilo que para ela é significativo. Ao mesmo tempo, está elaborando novos sentimentos e novas reflexões acerca desse mesmo assunto e, em um terceiro momento, estabelece um diálogo com a realidade que a cerca, pois a externalização do sentimento ou do pensamento se dá em relação a algo ou a alguém. A experiência artística completa-se, então, na interação da criança com o outro ou com o meio. Nessa interação, a criança percebe, também, que pode agir sobre o meio, modificando-o. A partir daí, todo esse processo se reinicia, cada vez em novo patamar de experiência.

Se nos perguntarmos quando devemos iniciar as atividades artísticas na educação, vemos que a criança já as realiza desde que nasce: quando bem pequena, ouve a mãe falar ou cantar, dialoga e canta com ela com suas interjeições; com poucos meses, já se movimenta ao ritmo da música; logo que consegue pegar um lápis, rabisca o papel, a parede, os móveis...

A cada idade, a criança aprendendo inicialmente por observação e imitação e, depois, também de maneira mais abstrata, desenvolve-se na sua capacidade de exprimir, representar e reelaborar a realidade. Importa desafiá-la a ir cada vez um pouco mais adiante – respeitando, porém, o seu ritmo, as suas capacidades e limitações. Ela mesma irá superá-las no decorrer do processo educativo, que, na verdade, dura a sua (a nossa) vida toda.

Metodologias do ensino da Arte: Tradicional, Nova, Tecnicista e Histórico-crítica

A maneira de ensinar Arte na escola passou por várias mudanças. Na escola brasileira, sofremos a influência européia e a norte-americana. Apesar disso, durante o século XX, tivemos alguns pedagogos da Arte, artistas-professores e pensadores que nos fizeram trilhar um caminho adequado à nossa realidade. Esse caminho esteve, em parte, sintonizado com as mudanças de concepção do chamado Primeiro Mundo e, em parte, contribuiu para com elas (lembremos de Paulo Freire).

Metodologia Tradicional

Presente no Brasil desde a colonização, foi introduzida pelos jesuítas. É aquela em que a herança cultural é passada de geração em geração na forma de conteúdos, técnicas e concepções a serem memorizadas e acumuladas. O professor derrama informações sobre o aluno, que apenas repete o que ouviu, sem refletir, sem questionar, sem relacionar essas informações com a realidade em que vive. O professor ainda ensina a desenhar como o mundo adulto acha que a criança deve desenhar, ensinar a cantar aquilo e da maneira que o adulto quer que ela cante. Não leva em conta as fases do desenvolvimento da criança, tampouco suas necessidades, sua criatividade, sua curiosidade. O centro do processo educativo é o professor, que conhece e transmite o seu conhecimento.

Metodologia da Escola Nova

De origem européia e norte-americana, surgindo no século XX, configurou uma reação à Escola Tradicional. Foi introduzida no Brasil em finais da década de 1910, e logo preconizou várias reformas estaduais de ensino, até que, na década de 1930, foi implantada nacionalmente com as Reformas de Gustavo Capanema.

Intelectuais envolvidos com as causas da educação – Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e muitos outros – travaram acirrados debates com a corrente católica e conservadora, atuante no magistério. Além da mudança de concepção e métodos, esses intelectuais lutavam por uma educação obrigatória para todos; universal no sentido de ser estendida a todas as crianças; gratuita, para que todos pudessem ter acesso a ela; e laica, isto é, não exercida apenas por religiosos, que ensinariam somente aquilo que conviesse à sua crença. Essa concepção teve avanços e retrocessos (Constituições de 1932 e de 1937) até que, na década de 1940, impôs-se (Constituição de 1946).

Quanto ao processo ensino-aprendizagem, a Escola Nova prioriza o desenvolvimento e o mundo psicológico do educando. O centro do processo educativo é a criança e a educação faz-se de forma não direcionada, espontânea. As atividades oportunizam o desenvolvimento e o aprendizado do indivíduo, que aprende com o seu entorno: com a escola, os colegas, a família e as atividades realizadas na cidade. A Arte é vista como uma ferramenta para o autoconhecimento e como meio de expressão do eu. Nesse contexto, a arte desempenha papel relevante, pois é uma atividade original, criativa e, porque não dizer novamente, espontânea por excelência. Para a Escola Nova, a herança cultural é importante também, e deve ser vivenciada, experimentada em concertos, exposições, visitas a museus etc. Conhecendo-se a si mesmo e vivenciando a cultura (a herança cultural), o indivíduo pode adaptar-se ao mundo em que vive.

No Brasil, fato relevante envolvendo essa metodologia foi a criação da Escolinha de Arte, no Rio de Janeiro, em 1948, iniciativa que logo se espalhou por vários centros no Brasil. As Escolinhas de Arte perduraram até a década de 1960. É também da década de 1940 o canto orfeônico, projeto de Villa-Lobos, que pensava que a música poderia educar todas as crianças do país, ensinando-lhes, entre

outras coisas, nacionalismo, civismo, disciplina e vida em sociedade. Villa-Lobos organizou grandes eventos em várias cidades do país, com a participação de mais de cinco mil crianças em estádios de futebol, nos quais crianças e professores cantavam juntos.

Metodologia Tecnicista

Surgido nos Estados Unidos depois da segunda guerra mundial (1939-1945), com o objetivo de formar mão-de-obra especializada para determinadas funções e profissões, foi a metodologia adotada nos tempos da ditadura militar no Brasil. Sua implantação, cujo objetivo era a profissionalização, teve outra consequência: a despolitização, pois enfatizava a técnica e não dava espaço para a reflexão e a interação com o contexto.

Na Arte, essa tendência traduziu-se no ensino das técnicas: como pintar, como fazer música, como representar, que materiais usar, como dominar esses materiais. As razões, as causas e os porquês de desenhar, cantar, dançar, assim ou de outra maneira, não eram considerados. Nas artes visuais, as principais técnicas eram desenho, carvão, aquarela, guache, óleo, desenho técnico e desenho industrial. Na música, privilegiavam-se a música erudita e o folclore: a música popular não era olhada com bons olhos pelo governo, pois veiculava canções de protesto, com textos considerados subversivos. Nas artes cênicas, ensinavam-se mímica, pantomima, circo, dança e teatro (de preferência apenas infantil ou romântico). As peças encenadas eram vigiadas e censuradas, pois tinham, na maioria, engajamento político.

De maneira geral, ensinavam-se às crianças as técnicas, sem estimulá-las à reflexão sobre o que criavam ou exprimiam.

Metodologia Histórico-crítica

Na Europa, a Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamin, Marcuse) e depois Habermas já discorriam sobre essa nova maneira de encarar a realidade, desde as décadas de 1920 e 30. No Brasil, com a repressão do período ditatorial (1964-85), a metodologia histórico-crítica tomou força depois da volta à democracia. Presente antes de 1964, seus principais pensadores foram perseguidos e exilados, inclusive Paulo Freire. Depois de 1985, com a volta dos exilados, núcleos de irradiação dessa visão do mundo passaram a existir em universidades dos principais centros do Brasil e, gradativamente, espalharam-se.

A metodologia Histórico-crítica parte do princípio de que o homem é um ser inserido em um meio específico e na própria história. Nesse contexto, existe uma herança cultural, na qual ela se move, com a qual convive e com o qual aprende ou não dependendo das oportunidades que lhe forem dadas. O indivíduo é um ser social, não está isolado e, à medida que vivencia e apreende essa herança cultural, passa a poder agir sobre o seu meio, tendo a oportunidade transformá-lo. Normalmente, ao ser humano é negado compartilhar do conhecimento acumulado pelas gerações, é negada, também, a participação nos processos de mudança

da própria vida. Assim, educar é permitir que o oprimido deixe de sê-lo, mediante o conhecimento.

Nesse contexto, o ensino da arte integra elementos das três metodologias citadas anteriormente, apesar de fazê-lo de forma diferente da original:

- valoriza a herança cultural, não apenas como informação mas também como objeto de reflexão e conhecimento de pensamentos e épocas distintas;
- valoriza a arte como expressão psicológica, direcionando-a, porém, para a conscientização das próprias capacidades e da possibilidade de interação com o outro meio;
- valoriza o saber-fazer, isto é, o aprendizado das várias técnicas, não como fim em si mesmas, mas como ferramentas, capacitando o educando a interagir com o seu meio.

Porém, ao incluir esses elementos, a metodologia histórico-crítica os supera, abrangendo mais um, o principal: a capacidade de, por meio do conhecimento e da análise da realidade, refletir e agir sobre ela, transformando-a.

Em síntese, essa pedagogia estimula o aluno a ler além das palavras; a ver e não apenas a olhar; a ouvir e não apenas escutar.

E, para que o indivíduo possa realmente interferir e dirigir sua própria trajetória, deverá, desde cedo, ser incentivado a observar criticamente o seu contexto, quer seja natural ou social. Nesse conjunto, estão várias manifestações da arte. Algumas são usadas como apelo para a venda, outras como manipulação da vontade política, outras, ainda, como dominação etc.

Para poder ver e entender, é preciso conhecer. E aí está o papel da Arte na escola: possibilitar que o educando leia o que é apenas sugerido, veja o que está por trás da imagem, ouça o que não é sequer sussurrado. Permitir que ele vivencie a arte em todas as suas dimensões é deixar que perceba os significados das manifestações artísticas (a serviço ou não de outros objetivos), podendo ser senhor da sua própria história. Olhar criticamente é, portanto, libertar-se.

ATIVIDADES

Exploração do espaço, conscientização do ambiente e do contexto na escola – manifestações artísticas presentes

Ver, ouvir, falar (ou enxergar, escutar, dizer)

- Incentivar as crianças para que reconheçam na sala de aula várias manifestações artísticas envolvendo sons, linhas, cores, palavras, textos, estruturas. Sublinhar sempre as questões de criatividade, sensibilidade, expressividade e estética.
- Conversar com elas sobre o que descobriram, listando as manifestações.

- Fazer um passeio pela escola e pedir para cada criança procurar três novos elementos para a lista (não contar para os outros alunos, pois os novos elementos somente serão compartilhados em sala de aula). Se forem crianças alfabetizadas, elas poderão escrever listando os itens, para lembrar deles depois.
- Voltar à sala de aula, comentar e analisar os elementos novos, adicioná-los à lista.
- Buscar os elementos comuns entre eles.
- Refletir sobre os significados de alguns dos elementos encontrados, enfatizando a diferença entre olhar e realmente enxergar, escutar e realmente ouvir, falar e realmente dizer alguma coisa.
- Trabalhar a leitura dos significados, isto é, dos símbolos presentes.
- O professor poderá propor jogos com os elementos encontrados.

Explorando o corpo: gestos, voz, sonoridades, movimentação e imaginação

Autoconhecimento, possibilidades expressivas

Jogo com palavras, movimentos, gestos e sonoridades

- Procurar palavras ou expressões em cartazes ou figuras, dentro da sala de aula ou na camiseta de alguma criança. Poderão ser palavras isoladas, frases prontas ou grupo de palavras escolhidas pelas crianças, dentre as encontradas no ambiente (quanto mais nova a criança, menos palavras deve ter a atividade).
- Usar uma delas como ponto de partida para um jogo sonoro: decompô-la, brincar com a sonoridade dos fonemas, repetir sílabas criando ritmos, trocar a ordem das sílabas criando novas palavras.
- Dizê-las em sussurro, em tom de voz normal, bem forte, em voz grave, média, aguda, usando as várias intensidades e alturas, mesclando-as.
- Cada criança dirá essa palavra ou outras criadas a partir dela. Com uma entonação expressiva diferente: como um segredo, com alegria, com carinho, com raiva, com surpresa, com medo, com tristeza, com energia, pensativamente, sonhadoramente etc.
- Repita a atividade anterior, mas agora com gestos e movimentação pela sala.
- Todas as crianças, ao mesmo tempo, dirão essa palavra ou frase uma às outras, movimentando-se na sala e experimentando as várias maneiras de dizê-la. Exagerar nos movimentos do rosto e do corpo, quando disser.
- Em duplas, pensar a palavra e representá-la com o corpo, sem dizê-la em voz alta.
- Escolher outra palavra, frase ou expressão do meio ambiente e representá-la em duplas e nas várias formas.
- No grupo grande, sentados em círculo no chão e sem contar para ninguém, os alunos deverão representar a palavra, expressão ou frase. O grupo terá que descobrir qual é a frase representada. A criança que a representou deverá repeti-la de maneira cada vez mais expressiva, até que os outros alunos a descubram.

Comentário sobre a atividade

Esse é um trabalho que envolve a compreensão de uma idéia, uma expressão, sua representação e o entendimento dela por parte do outro. Ao mesmo tempo, promove desinibição, brincadeiras engraçadas com a carga emocional das idéias, descoberta das possibilidades do corpo no espaço, da expressividade dos gestos, do rosto e da entonação da voz.

DICA DE ESTUDO



ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

A Arte e a vivência de conceitos éticos

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens educam-se em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

A sociedade e o ensino

Dariamente, ouvem-se pelos corredores de escolas de ensino fundamental, médio e superior professores comentando a falta de valores e de princípios com as quais são obrigados a conviver nas salas de aula. Os alunos retratam, mais e mais, a perda de rumo a que a sociedade materialista, consumista, competitiva e preconceituosa em que vivemos os sujeitou.

Convivendo com essa realidade no seu círculo social e, principalmente, na mídia, nossas crianças precisam ter, na escola, uma alternativa. Precisam de um espaço em que possam descobrir que a vida consiste em muito mais do que aquilo que podem comprar ou ter. Necessitam de oportunidades para perceber que há todo um universo rico e gratificante a ser explorado dentro de si mesmos e no outro.

Nesse sentido, tanto o fazer arte quanto o reconhecer e refletir sobre ela apontam para um caminho de descobertas e vivências que ampliarão o universo sensitivo-cognitivo de cada criança. A Arte possibilitará à criança, portanto, que conheça melhor a si mesma nas suas capacidades e limitações e o seu contexto, com suas mensagens e símbolos. Ao compreender o que ocorre à sua volta, ela poderá interagir com o entorno, tomar suas próprias decisões e até transformar esse entorno.

Para Vygotsky (1999),

a arte aparece como um fenômeno humano, que decorre da relação direta ou mediante do homem com um cosmo físico, social e cultural, onde se constroem e se multiplicam variedades de facetas e nuances que caracterizam o homem como integrante desse cosmo.

Assim, a Arte aparece também como mediadora do conhecimento, pois ao observar o seu mundo e ao reelaborá-lo por meio da sua própria criatividade e imaginação a criança aprende a compreendê-lo e a relacionar-se com ele.

A Arte, o desenvolvimento da capacidade e a vivência de conceitos éticos

Vamos examinar agora algumas das diferentes esferas em que a atividade artística atua, no que se refere ao indivíduo que a vivencia.

Trabalhando os dois lados dos hemisférios do cérebro e desencadeando intensa atividade neuropsicológica, a Arte desenvolve no ser humano, ao mesmo tempo, várias capacidades.

A Arte como experiência pessoal

No aspecto individual e psicológico, como tão bem reconheceram os pedagogos da Escola Nova, toda manifestação artística traz à tona, no processo da sua realização, o mais íntimo de cada um. É uma expressão dos sentimentos, das concepções, da visão de mundo (sempre em movimento) da personalidade, das preocupações daquele que o faz. Durante esse processo, o eu está, ele mesmo, em contínua transformação, pois o indivíduo dialoga ao mesmo tempo consigo, com o produto da sua ação e com seu mundo exterior, transformando-se continuamente, mediante a reflexão.

Ainda sob o ponto de vista do mundo psicológico, o processo de expressão artística, por ser sempre criativo e trabalhar com julgamentos estéticos, com a apreciação, com a adequação do símbolo à mensagem, com o aprofundamento da percepção da realidade a ser reelaborada, amplia enormemente o universo de expressão da criança ou do adulto, a sua percepção, a sua sensibilidade e a sua criatividade. Ao realizar algo extremamente pessoal e, portanto, motivada pela própria necessidade de expressar-se, a pessoa trabalha também as suas capacidades de concentração, de construção do novo com início, meio e fim, a sua persistência e o seu senso estético.

Assim, pode-se afirmar que a prática da Arte colabora na construção do processo de autoconhecimento, autoconfiança e autocritica do educando, além de colaborar na busca da própria identidade por parte desse educando.

Além disso, o fazer artístico constitui uma ação que desencadeia processos cognitivos complexos, pois, envolve as habilidades de perceber a realidade, compreendê-la, codificá-la e reelaborá-la. Por sua vez a leitura de uma obra artística envolve, as ações de reconhecer, decodificar e interpretar os símbolos. Assim, nesse diálogo entre o eu e os diversos elementos do contexto, desenvolve intensamente a inteligência, o raciocínio espacial, abstrato e matemático, o raciocínio lógico, a leitura de diferentes sistemas e a compreensão da comunicação, entre outros.

Por lidar com o fazer manual e corporal, desenvolve a coordenação motora, o conhecimento e o domínio do corpo, a sensibilidade e as possibilidades dos sentidos (especialmente tato, visão e audição) e do movimento.

Outro aspecto a considerar é o exercício da criatividade, da imaginação e da possibilidade de escolha – características inatas ao ser humano. Seu uso constante e seu desenvolvimento possibilitarão, ao educando, maior capacitação na busca de seus próprios meios para a resolução dos problemas e escolhas com os quais será confrontado no seu dia-a-dia.

A Arte como experiência social

Ao mesmo tempo em que é um fazer individual, a atividade artística proporciona vivências nas relações interpessoais pela prática em conjunto que lhe é inerente. Do ponto de vista da vida em sociedade, o produzir em grupo, como

acontece em vários veios artísticos, desencadeia a vivência da sociabilidade, do respeito, da crítica, da autocrítica, da tolerância, da cooperação, do domínio próprio, do reconhecimento de princípios éticos etc.

De fato, a prática em conjunto, existente em vários momentos do fazer artístico (por exemplo, quando se faz música com alguém, quando se representa com um grupo – teatro e dança –, quando se cria um texto ou uma composição com um parceiro, quando se elabora um painel), traz consigo o exercício constante de subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, uma experimentação de relações contraditórias, um trabalho cooperativo e colaborativo, experiências ricas em lições éticas.

Nessa vivência compartilhada, o indivíduo aprende a lidar com suas próprias limitações e com as limitações do outro, com seus próprios enganos e com os do seu companheiro, sendo levado a situações em que será induzido a atitudes de compreensão, aceitação e perdão em relação a si mesmo e ao outro.

Na leitura do trabalho realizado por terceiros, e ao ter o seu próprio trabalho observado e comentado, esse indivíduo se depara-se com a existência da diversidade de pontos de vista, tendo que se abrir a opiniões diferentes e até divergentes. Em situações como essas, terá a oportunidade de compreender que a sua própria verdade e a sua própria leitura não são as únicas possíveis e, mais ainda, poderá aprender o valor da complementaridade, possível apenas se souber ouvir o outro e se houver respeito no relacionamento.

De maneira geral, vemos que o trabalho artístico individual conduz o aluno à reflexão sobre si mesmo, ao conhecimento progressivo das suas próprias possibilidades e limitações e, ainda, da sua relação com o seu mundo externo. Já a atividade em grupo revela as facilidades e as dificuldades do trabalho em equipe, da reflexão coletiva, da convivência etc, oportunizando o exercício e o aprendizado dessa convivência, e conseqüentemente, da vida em sociedade.

Pode-se observar, portanto, que a prática e a fruição da arte atuam diretamente no processo de construção da capacitação para a vida do homem em sociedade, auxiliando-o a construir seu próprio momento histórico com criatividade, criticidade e compreensão. A atividade artística, em qualquer das suas formas, possibilita a construção da individualidade do educando mediante a sua interação consigo mesmo, com o outro e com o meio.

Assim, pode-se afirmar que o ensino da Arte no processo pedagógico amplia o mundo expressivo, cognitivo e, perceptivo do ser humano. Possibilita maior exploração e compreensão de suas próprias potencialidades e colabora para que tenha maior rendimento nos diversos campos do saber.

A Arte e as outras disciplinas

Um outro aspecto a ser abordado é a facilidade que o estudo das manifestações artísticas oferece quanto ao estabelecimento de relações entre as várias disciplinas. Presente em todos os momentos e épocas da história, o estudo da Arte

oportuniza a fixação e a conexão dos conhecimentos esparsos das mais diversas áreas do saber. Assim, a transdisciplinaridade ou os vieses transdisciplinares podem ser explorados mediante a Arte.

Verificou-se, em várias pesquisas, que tanto o ensino da Arte quanto o aprendizado por meio da Arte estão intimamente ligados a um maior rendimento escolar da criança e do adolescente, a um maior ajuste do indivíduo no seu meio e a maior produtividade do adulto na sua atividade profissional.

Portanto, o ensino da arte e o aprendizado por meio da Arte nas escolas de ensino regular contribuem para que a escola proporcione condições para seus alunos se tornarem sujeitos do seu conhecer, na interação com seu meio ambiente, para agirem e transformar continuamente sua realidade, por sua inteligência.

O papel do professor

Cabe ao professor, no entanto, explorar a prática da Arte no processo de desenvolvimento da inteligência, do aprendizado e das relações humanas, tanto como atividade racional quanto como necessidade social. Também cabe a ele utilizá-la como um recurso psicopedagógico, como um elemento enriquecedor do currículo e como um instrumento de suporte do processo de ensino e aprendizagem.

É ainda sua responsabilidade criar uma metodologia que transcenda a vivência intelectual-cultural e que seja inserida no processo de desenvolvimento integral da criança e do adolescente, como um ser completo. Um método ou uma prática que não apenas “ensine a tocar, representar, recitar ou pintar”, mas que oportunize a exploração dos infinitos vieses de transdisciplinaridade que a arte possibilita, ao mesmo tempo que propicia ao educando a compreensão do seu universo interior e exterior.

Essa compreensão oportunizará ao aluno caminhar em direção a uma cada vez maior qualidade de vida, que somente será possível se houver a formação básica e a vivência de conceitos éticos fundamentais. Então, haverá a oportunidade para a experimentação de emoções gratificantes e que dão real valor à vida, tornando o ato de viver uma experiência rica e prazerosa e possibilitando ao ser psicológico a motivação necessária para continuar enfrentando as dificuldades com que se depara a cada momento. Entre essas emoções, podem ser citadas: realização pessoal, satisfação, prazer, equilíbrio, alegria, paz, compreensão, confiança, reciprocidade, identificação com o outro e comunhão com o semelhante e com o universo.

Se, como afirma Oliveira (1998) “a ética pode ser vista como meio de construir ações humanas pautadas pela tolerância, cujo significado se situa muito além da mera condescendência, ou respeito para o diferente”, pode-se concluir que a arte, por meio das vivências de conceitos éticos fundamentais que lhe são inerentes, pode contribuir intensamente para a formação integral do homem e do

cidadão e, conseqüentemente, para a consolidação de uma mais justa vida em sociedade.

Examinando, pois, a suposição de alguns pais e educadores de que o tempo dedicado à Arte no currículo escolar poderia ser mais bem aproveitado, pode-se afirmar que, ao contrário do que se imagina, a Arte pode, sim transformar os valores e a sociedade violenta em que vivemos. Quanto mais forem levadas a sério, mais a prática artística e a reflexão sobre a prática artística serão, mais eficientes na construção de uma nova realidade. E não se trata de utopia abstrata: trata-se de algo possível e palpável, de resultados a curto, médio e longo prazos. Basta experimentá-las e explorá-las nas suas incontáveis possibilidades.

Brincar, criar, expressar-se, comunicar-se, trabalhar em grupo, experienciar a cooperação, seguir o caminho da própria imaginação... talvez tudo isso seja um doce e divertido remédio para ajudar o homem a lidar melhor com a sua própria realidade e em si mesmo encontrar forças, para lutar contras as diversidades que certamente enfrentará.

ATIVIDADES

Criação de história, representação e reflexão

Montagem de história em conjunto, representando-a com utilização da voz, do gesto e da movimentação no espaço.

Reflexão

- Na sala em penumbra e com as mesas e as cadeiras afastadas, ouvir uma música calma.
- Pedir para que as crianças sentem-se no chão e fechem os olhos, imaginando uma paisagem qualquer: seus cheiros, suas cores, as árvores, o céu, os sons...
- Pedir que levantem-se e, ainda de olhos fechados e sem saírem do lugar, representem, com o corpo, o balançar do vento em seus galhos, a energia da grande estrela Sol sobre a natureza, a calma do lago, a fúria do mar...
- Solicitar que imitem, com a voz, os ruídos que ouvem: o canto dos pássaros, o barulho do vento, o ruído da moto, o trovão, a chuva, o vendaval, o enfraquecer do trovão, o distanciamento da moto, o acalmar do vento, o cessar a chuva, a volta do canto dos pássaros...
- Dividir a turma em equipes: algumas representarão as árvores; outras, os pássaros; outras, o trovão e a chuva; outras, a moto.
- Representação da idéia com a exploração do espaço e do movimento.
- Depois da atividade, todos deitam no chão para alguns minutos de silêncio.
- Depois disso, sentam-se novamente em círculo, agora com as luzes acesas. Refletir sobre a atividade, levando as crianças a perceberem componentes do processo e do resultado: o uso do corpo, as suas possibilidades, a criação de uma história em grupo, na qual cada um é es-

sencial para a seqüência, a estrutura, a forma, a coerência... Refletir, também, sobre o papel de cada criança no grupo e suas relações.

Comentário sobre a atividade

Essa atividade envolve várias frases. A história ou o roteiro pode e deve ser criado, preferencialmente, pelas próprias crianças, a partir de uma idéia do grupo. O exemplo que foi dado mostra que, a partir de imagens simples e corriqueiras, é possível toda uma elaboração e vivência. É preciso que as idéias tenham relação umas com as outras, um começo, um meio e um fim e, mais ainda, que depois de levar as crianças a uma ação com movimentos, barulhos e risadas, elas sejam conduzidas de volta a momentos de calma e introspecção. Somente então se poderá refletir sobre a atividade e suas dimensões.

DICA DE ESTUDO



SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

A criatividade, a imaginação e a fantasia da criança

Todas as crianças são artistas criativos.

Peter Slade

A criatividade e o impulso criador-representacional

Todos nós somos seres criativos e temos dentro de nós um impulso que nos direciona para fazer algo novo. É uma força que nos faz transformar os materiais ou as linguagens de que dispomos em algo de que precisamos (uma ferramenta, um utensílio) ou em uma representação do que pensamos, sentimos ou intuímos (um desenho, uma música, uma história).

Quando criamos uma ferramenta, chamamos esse processo de criação tecnológica ou científica. Quando criamos a representação de uma idéia, uma elaboração do real com significados específicos, chamamos de criação artística.

Um rabisco no papel, uma sonoridade diferente, um gesto para enfatizar uma expressão, um batuque espontâneo: tudo isso é criação. Pode ser chamado de Arte e é uma modificação do nosso entorno e de nós mesmos, pois já não seremos mais os mesmos depois do que fizemos.

A criação acontece com a combinação dos meios, das linguagens, dos símbolos e significados que escolhemos. E essa escolha já é individual por natureza. Por isso a criação acaba por ser única, original. É absolutamente impossível que duas pessoas, por mais próximas que sejam, por mais que vivam em um único tenham, façam uma mesma idéia. Mesmo que elas queiram copiar uma da outra, sempre haverá diferença, mesmo que quase imperceptíveis.

Ao permitirmos que a criança exercite a sua criatividade fazendo desenhos, pintando, cantando, dançando, representando, modelando, criando histórias, brincando com palavras, sonoridades ou gestos, estamos estimulando-a a desenvolver sua capacidade de se expressar e, ao mesmo tempo, de resolver sozinha os problemas que enfrentará no seu dia-a-dia.

Ao buscar os caminhos para representar os seus sentimentos, suas idéias ou impressões, ela mesma estará percorrendo a trilha que vai do imaginar ao realizar. Nesse percurso, ela terá que tomar decisões, fazer escolhas, avaliar o resultado da sua ação a cada passo do processo, adequando-o ao seu objetivo final... Enfim, a criança fará vários julgamento e correções de rota até construir um produto que represente aquilo que a motivou.

Geralmente, a criação ocorre no seu próprio processo: tem-se um ponto de partida, uma idéia difusa, que é elaborada e vai criando forma, ao mesmo tempo em que é traduzida em traços, cores, sons, gestos, palavras. A criação é, portanto, um processo. Nele, além da escolha dos materiais, dos símbolos e dos significados mencionados anteriormente, entra em jogo um outro tipo de julgamento: o julgamento estético.

Em grego, *estética* (*aisthesis*) quer dizer “sensação”: a sensação de bonito ou feio, de equilibrado, harmonioso e proporcional ou de grotesco, do que agrada ou desagrada enfim, o gosto. E desde bem pequena a criança, mergulhada na sua família e no seu contexto, vai formando o seu gosto. Ela o exerce continuamente nas atividades que realiza, especialmente as relacionadas à Arte. Com isso, também vai desenvolvendo a sua percepção e sua sensibilidade e aprimorando o seu senso estético.

A atividade estética está ligada ao ver, ao escutar, ao observar, ao analisar, ao avaliar um fato do mundo cultural ou do mundo natural. Examinando a atividade estética de uma maneira mais detalhada, podemos afirmar que ela está relacionada com o processo sensitivo-cognitivo daquele que a vivencia. Ela fala aos sentidos (especialmente à visão, à audição e ao tato) e é uma maneira de experimentar a realidade a partir de elementos que transcendem a razão. É com se fosse uma janela aberta para a compreensão de significados do nosso mundo exterior, significados que podem somente ser percebidos por meio da prolongada observação de um objeto, levando em conta aspectos e relações não tão óbvias, e que não percebemos se olharmos esse objeto apenas de relance.

A experiência estética implica conhecer mais profundamente aquele quadro, aquela canção, aquele monumento, envolve a observação dos elementos que o constituem, a maneira como seu autor os combinou e manipulou, o que ele quis expressar quando o fez, como traduziu naquela obra aquilo que quis dizer. Envolve ainda procurar perceber quais os símbolos que ele usou e que o motivaram, qual a mensagem e quais os significados presentes.

Podemos observar esteticamente produtos artísticos elaborados por outras pessoas ou mesmo aqueles que estamos construindo. Na atividade artística, que é atividade criadora, o senso estético está continuamente presente, pois, a cada instante do processo, avaliamos, aquilo que estamos elaborando.

A imaginação e a fantasia da criança

Do que é feito a atividade criadora? Podemos dizer que o seu começo está na imaginação:

A atividade imaginativa é uma atividade criadora por excelência, pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos da vida real. A imaginação constitui-se, portanto, de novas imagens e conceitos que vinculam a fantasia à realidade. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 60).

Essas idéias são baseadas nas palavras de Vygotsky (1990, p. 17), para quem a imaginação cria “novos graus de combinações, mesclando primeiramente elementos reais [...] combinando depois imagens da fantasia [...] e assim sucessivamente”. A criança, no seu processo de compreensão da vida e do mundo, vai aprendendo frações da realidade a que está exposta e as reelabora no seu universo conhecido. Esse seu universo está repleto de informações, muitas reais, muitas fantasiosas, mas todas elas igualmente importantes e reais na criança. Na sua bus-

ca de entendimento, a criança absorve fatos e informações e os combina com suas fantasias, elaborando-as em novas realidades afetivas e sociais.

Nesse sentido, as brincadeiras de faz-de-conta são fundamentais, pois nelas a criança trabalha essas duas esferas e tem a chance de, mediante o processo criador inerente à fantasia e à imaginação, transformá-las na sua realidade. Ao interagir com essa realidade que cria para si mesma e está baseada na sua vida cotidiana, a criança aprende a lidar com o real. Assim, vemos que a representação, que também é criação e arte, colabora no sentido de instrumentalizar a criança para a vida.

Descobrimo o eu e interagindo com o mundo externo

Durante a atividade criativa, ao estabelecer um diálogo interior entre a sua imaginação e o mundo real, a criança passa a conhecer mais a si mesma, o seu entorno e o seu lugar nesse contexto.

A descoberta gradativa do eu, durante o processo do fazer arte, está intimamente ligada ao tempo em que a criança está absorva no seu agir, pois está absolutamente concentrada na sua atividade. Durante esse percurso, a criança dialoga consigo mesma e experimenta diversas emoções, tece considerações sobre o que faz ou o que gostaria de estar conseguindo fazer, combina na sua *psique* idéias e imagens, permitindo que elas mesmas interajam. Nessa caminhada, a criança tem oportunidade de mergulhar profundamente em si mesma e no seu universo e deixa virem à tona fatos, impressões, situações, sensações vividas e que podem, então, ser trabalhadas espontaneamente.

Em relação ao seu mundo exterior, ela cria um desenho, modela uma peça, representa um personagem, brinca com palavras ou sons. A sua criação material, no caso a produção do seu trabalho, torna-se parte do meio em que ela vive. Essa “obra de arte” ou esse produto artístico torna-se fonte de informação para alguém, torna-se símbolo veiculando significados que serão lidos pelo outro, influenciando-o e portanto, transformando, a realidade.

Ao produzir, ao mesmo tempo em que se conscientiza do seu poder de influenciar o seu meio, a criança vai percebendo as limitações que lhe são impostas pela natureza, pelo outro e pelo ambiente. Entre os sucessos e frustrações nessas iniciativas, ela terá que lidar com suas próprias reações e com os resultados das suas ações, o que, novamente, irá remetê-la ao autoconhecimento e à busca do seu papel no meio.

Nessa contínua e ininterrupta trajetória de aprendizado da vida, a arte desempenha um papel fundamental, pois permite que o diálogo tanto no interior da criança quanto entre ela e o que está ao seu redor aconteça, possibilitando que ela progressivamente, alcance, novos patamares de experiência de vida.

A elaboração dos estímulos do cotidiano em novos afazeres

O nosso cotidiano está repleto de informações, solicitações, sugestões, perguntas, sons, formas, cores, barulhos, vozes. A criança está aberta, atenta a tudo que acontece ao seu redor. Ela se encanta com o movimento, as luzes, o brilho, a natureza, as pessoas que a cobrem de carinho – e, no seu interior, ela interage intensamente com tudo isso. Cada nova informação é um dado novo na conformação da imagem que tem do mundo e que ela terá que elaborar para compreender.

Pintar, representar, cantar, rabiscar, modelar e todas as outras maneiras de fazer arte serão imenso auxílio à criança, imensamente, nessa tarefa de compreender e apreender. E, ao mesmo tempo em que a arte serve de ponte entre o seu mundo individual e o mundo coletivo e real, é esse mundo coletivo e real que lhe dará elementos para novas experiências e experimentos.

É a partir dos estímulos externos – sociais e afetivos – que a atividade criadora e a atividade imaginativa se movimentam e se concretizam. E é mediante a combinação desses estímulos com a informação acumulada e a vivência já realizada, que a fantasia se transforma em um novo fazer.

TEXTO COMPLEMENTAR

As artes visuais

(BRASIL, Ministério da Educação, 2001, p. 85-89)

Introdução

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido às sensações, aos sentimentos, aos pensamentos e à realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc. Podem ser tanto bidimensionais como tridimensionais. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais.

As artes visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das artes visuais para expressar experiências sensíveis.

Tal como a música, as artes visuais são linguagens, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas. [...]

Presença das artes visuais na Educação Infantil

[...]

A criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com os quais faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na tevê, revistas, gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc.

Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam o local e a época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o trabalho artístico que realizam e sobre a produção de arte a qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela.

As crianças têm suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida e envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com o seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí, constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte.

Nesse sentido, as artes visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias e cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos:

- fazer artístico – centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
- apreciação – percepção do sentido que o objeto propõe, articulando tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando a desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção do sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;
- reflexão – considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza, instigada pelo professor e no contato com as próprias produções e as dos artistas.
- O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve ser apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprenderem, o que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.

ATIVIDADES



Cores e formas

- Material necessário: papel sulfite branco, cola, revistas velhas.
- Individualmente, a criança escolherá figuras, as letras e os símbolos, que signifiquem algo para ela e os recortará.
- Criará com os recortes uma nova idéia, mensagem ou figura.
- No grupo, a criança explicará no que pensou ao construir sua nova idéia, porque escolheu essas figuras e não outras e o que quis realizar com essa combinação.

Comentário sobre a atividade

É um trabalho que envolve significantes, significados e comunicação.

DICA DE ESTUDO



FERRAZ, Maria Heloísa C. T.; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

A Arte como percepção, elaboração, expressão e representação da realidade

A arte é uma expressão sensorial e intelectual do indivíduo, fundada sobre uma escolha, uma ordenação e uma densificação do real.

Luigi Pareyson

Desde que nascemos, estamos mergulhados em um contexto natural, social e cultural com o qual convivemos, no qual nos movemos e com o qual estamos em um diálogo ininterrupto.

O mundo da natureza cerca-nos com o céu infinito, seus astros e com a terra fértil, sobre a qual pisamos e construímos nossas casas. Nesse ambiente, convivemos com as plantas – de árvores frondosas e flora minúscula e de todas as cores, frutos, sementes e raízes que nos servem de alimentos – os animais – desde organismos microscópicos até os mamíferos maiores – e os minerais – que usamos tanto para fabricar instrumentos e máquinas – ferro, aço –, quanto para enfeitar – cobre, ouro, pedras preciosas.

O mundo social é aquele constituído pelas pessoas com as quais compartilhamos o tempo e o espaço. Existem pessoas mais próximas e com quem dividimos o cotidiano (a família, os amigos, os colegas, os professores) e círculos sociais concêntricos, cada vez mais amplos, que englobam desde a comunidade do nosso bairro, da nossa escola, da nossa cidade, do nosso país, até a humanidade vista como um todo. O mundo social é o dos relacionamentos entre os seres humanos.

O mundo cultural é formado pelas elaborações do homem no decorrer de toda a sua trajetória: pelas maneiras como ele se relaciona com o ambiente e com as pessoas e pelos conhecimentos que acumulou nesse percurso. Envolve as ciências, as letras, as artes, a tecnologia, os meios de produção, as maneiras de pensar e agir, as tradições, a religião, os costumes, o saber, a filosofia, enfim, os resultados da interação do homem e com seu semelhante.

A percepção

De fato, vivemos em um contexto que integra a natureza, a sociedade e a cultura. E é esse contexto, com toda a sua diversidade e complexidade, que se apresenta a cada novo ser compreendido e transformado por ele.

Desde bem pequena e de maneira constante, a criança, curiosa e interessada em tudo o que ocorre à sua volta, recebe informações e imagens desse universo. Vygotsky escreve sobre a “percepção de objetos reais” na vida da criança, mostrando que essa percepção ocorre desde o nascimento e envolve não apenas as formas desses objetos. Mas, principalmente, os seus significados, o que é no

processo de perceber e conhecer o mundo exterior que a criança aprende a lidar com ele. Ela observa todas as coisas e os fatos como um todo, examina suas partes, é receptiva para todos os tipos de informações e de sensações e se entrega totalmente ao seu “querer conhecer”. Nesse percurso, a criança absorve e apossa-se, sensorialmente e intelectualmente, de cada detalhe. É a qualidade da sua percepção dos diferentes elementos que a cercam e a intensidade das relações que estabelece com eles e entre eles que tornará a sua experiência significativa.

O adulto e o professor, nesse processo de percepção e apreensão da realidade pela criança, desempenham um papel fundamental. Eles poderão dar pistas e indicar caminhos para a observação de outras questões não enxergadas pelo educando, como forma, função, elementos constitutivos, partes, significados etc. Isso vale não apenas para aos fatos da natureza e da vida em sociedade, mas também para toda a nossa cultura presente ou passada. Esta, por sua vez, é impregnada de arte e repleta de produtos artísticos que fazem parte do meio em que vivemos e que encerram inúmeros sentidos.

Nesse sentido, vamos considerar o nosso mundo visual, sonoro e de representação. Os cartazes nas ruas, as revistas, os filmes que assistimos na televisão, os comerciais, a canção que ouvimos no rádio, o *jingle* da peça publicitária, os versos, as histórias, a dramatização que nós fazemos quando nos comunicamos uns com os outros.

Tudo isso são elementos culturais e artísticos que fazem parte do nosso cotidiano e que devem ser percebidos e compreendidos pela criança, pelo jovem e pelo adulto. Nosso cotidiano está cheio dessas formas de arte, que nem as vemos como tal, mas são símbolos usados por alguém que quis expressar uma mensagem, comunicar uma idéia, e que fazem parte, agora, do nosso entorno e desempenham um papel importante na vida da sociedade em que vivemos. Por isso, é cada vez mais necessário permitir que a percepção cognitiva e a sensorial se ocupem de todas essas manifestações. A compreensão das idéias, das motivações e das mensagens contidas nos objetos da nossa cultura faz parte do nosso aprendizado da realidade.

A criança realiza essa operação de maneira espontânea e natural, pois, no seu mundo de faz-de-conta, assume com facilidade vários papéis ao mesmo tempo. Ela dialoga com figuras imaginárias criadas por ela, ou com pessoas que conhece (a mãe, os amigos, a professora) ou, ainda, com ela própria. Nessa atividade, ela vivencia as situações que cria e percebe novas faces do real e de si mesma. Esse tipo de percepção a leva para um autoconhecimento cada vez maior e, conseqüentemente, confere-lhe mais segurança na resolução dos problemas que enfrenta.

Assim, podemos afirmar novamente que são a qualidade, a diversidade e a profundidade da percepção dos diferentes elementos que cercam o educando, bem como a intensidade das relações que estabelece com e entre eles, os fatores que tornarão a sua experiência significativa. É sobre o fundamento dessa percepção que ele construirá sua visão de mundo, que o guiará por toda a vida.

A elaboração

É pelo mundo interior da criança, com suas sensações, suas emoções, sua intuição e sua razão que ela percebe e conhece progressivamente o mundo exterior, apreendendo-o e organizando as informações recebidas. Do confronto entre esses dois universos (o interno e o externo) surge um novo processo, o da *reelaboração da realidade*. Trata-se das reações que se estabelecem na mente da criança, nesse caminho de interação consigo mesma e com sua ambiência. Ela quer entender, busca as relações entre fatos distintos, anseia por coerência.

A sua ação investigativa da vida, a revelação de novas realidades e a elaboração de novos conceitos propiciam-lhe compreensão cada vez mais ampla do real e permiti-lhe a construção de novos saberes. Assim, percebendo o seu entorno, percebendo a si mesma e trabalhando no seu íntimo cada elemento novo, a criança trilha patamares de experiência cada vez mais elevados. Esse processo dura a vida toda, acompanhando-a por todas as fases da sua caminhada e velhice.

Cada pessoa, ainda que exposta aos mesmos fatos que outra, ao reelaborá-los, chegará a resultados diferentes. Isso ocorre porque as relações entre fatos, sentimentos, sensações, *insights* etc, que cada uma estabelece, depende também de toda a sua experiência vivida anteriormente e do peso que cada experiência teve. São tantos os itens diferenciadores envolvidos nesse processo de reelaboração, que ele será invariavelmente individual e original.

O professor, nesse sentido, tem o encargo de ajudar o aluno a refletir sobre o assunto ou sobre o fato percebido, para que o próprio aluno possa tecer uma teia rica entre esse fato e as várias situações e informações da sua vivência. É o tecer dessa teia que vai levá-lo em direção à construção de novos saberes sobre si mesmo, sobre o outro e sobre tudo que está a sua volta.

A expressão

Ao exprimir seus pensamentos, suas sensações e seus sentimentos, a criança (assim como o adulto) exterioriza a sua própria visão da realidade: suas impressões, seus medos, suas alegrias, seus anseios, sua compreensão das coisas. Ela busca maneiras de expressar, de comunicar, de tornar visível, audível e compreensível a sua idéia ou aquilo que tem a mostrar. Ela busca materiais, instrumentos, formas, maneiras de expressão para definir o que tem em mente.

Para isso, ela pode usar de vários meios: sons, palavras, gestos, movimentos, linhas, cores, brincadeiras de faz-de-conta e jogos dramáticos, entre outros, todos igualmente úteis e eficientes à comunicação da sua idéia. Ao fazer isso, ela está utilizando de maneira criativa e inventiva as diversas linguagens artísticas. Todas elas são formas de expressar o que pensa ou sente e podem ser tão mais eloquentes quanto forem intensas e densas as mensagens que elas estiverem veiculando.

Assim, ao expressar-se por meio da arte, a criança utiliza um conjunto de símbolos (palavras, sons, desenhos, gestos, movimentos) que escolhe e organiza para comunicar uma idéia ou emoção. Ela exterioriza a sua percepção da realidade, a sua reelaboração e a expõe. Tenta comunicar aquilo que pensa ou sente por meio de um vocabulário que a própria linguagem artística escolhida lhe oferece, explorando-o das diversas maneiras.

Para isso, ela precisa conhecer as técnicas, os materiais, os instrumentos, onde ela pode chegar, por quais caminhos pode optar, que possibilidades expressivas cada linguagem, técnica ou material pode oferecer... Ela precisa poder experimentar, poder descobrir. E novamente, aqui, entra a figura do professor. É dele a responsabilidade de oportunizar o contato do educando com as técnicas e os materiais e de apontar-lhe opções e soluções possíveis a cada etapa da criação.

O expressar-se permite que a criança dialogue intensamente, não apenas com aquilo que ela percebeu no seu mundo exterior. Ela interage, também com aquilo que está construindo e, principalmente, consigo mesma. Isso lhe propicia conhecer melhor as suas próprias ansiedades, motivações, reações, limites e possibilidades, instrumentalizando-a melhor para a vida. E é no percurso que a criança realiza para a construção visual, sonora ou representacional da sua mensagem, que ela descobre novos caminhos, novos fatos, novas perguntas e novos universos cognitivos e afetivos.

A representação

Vimos que cada pessoa percebe faces diferentes de um mesmo acontecimento, vê ângulos ou cores diversas de um mesmo objeto, entende coisas diferentes ao ouvir o mesmo texto que a outra. Isso acontece porque a trajetória de cada uma é absolutamente única e individual. O mesmo ocorre com o processo de entendimento da informação nova: mesmo vendo cores e formas iguais em um certo objeto, a elaboração interior faz percursos diversos em cada ser humano, conduzindo-o a perguntas, respostas, conclusões e resultados, por vezes até opostos.

Se cada indivíduo enxerga a realidade de maneira diversa, é natural que cada um represente do seu ponto-de-vista e a partir dos seus referenciais. Ao refletir sobre os diferentes modos de expressão possíveis, sobre as linguagens escolhidas, os materiais, os símbolos usados e os significados, deparamo-nos com uma diversidade tão imensa, que passamos a compreender a vida e as pessoas como seres criativos e inventivos por natureza.

Transpondo isso para nossa sala de aula, percebemos que cada criança tem um universo todo a exprimir e uma leitura de mundo completamente individual a expor e a construir. Cabem a nós, professores, incentivar nossos alunos a buscarem suas próprias leituras, expressões e opiniões. Notamos que as diferenças não apenas entre o que eles produzem e representam devem ser valorizadas, mas também, e especialmente, as diferenças entre eles mesmos: cada uma de suas necessidades,

realidades e aspirações devem ser respeitadas. Aprendemos que a riqueza está na diversidade e que ela precisa ser estimulada, descoberta e experimentada.

Nesse sentido, a Arte é um instrumento fundamental para a educação, pois por meio dela, a criança percebe o seu universo interior e exterior, dialoga com ele elaborando novos conhecimentos e o exterioriza, criando, construindo, expressando e descobrindo-se a si mesma e a sua realidade. Com a Arte, a criança interfere, também, no seu entorno, pois comunicar uma idéia age sobre ele, que, por sua vez, interagirá novamente com ela.

Assim, podemos apropriar-nos das palavras de Luigi Pareyson e afirmar com ele que “arte é uma expressão sensorial e intelectual do indivíduo, fundada sobre uma escolha, uma ordenação e uma densificação do real”. E que a arte como percepção, como expressão e como representação da realidade faz parte de um todo maior que é o desenvolvimento e o crescimento do educando, como indivíduo autônomo e consciente.

ATIVIDADE

O mundo da representação visual

Desenho individual e experimentação dos conceitos de linha, forma e cor

- Material necessário: papel sulfite e lápis de cera, em várias cores.
- Cada criança realizará o seu trabalho individualmente.
- Com o lápis preto, fazer alguns rabiscos na folha do papel, explorando o espaço disponível. Cuidar para que não haja muitos riscos.
- Tentar enxergar formas ou desenhos por entre os rabiscos, construindo uma imagem mediante conexão e relação das linhas rabiscadas anteriormente, de maneira desconexa.
- Com os lápis de cera coloridos, pintar a imagem ou o desenho que enxergou por entre os rabiscos, tornando-o visível.
- Quando todos tiverem terminado, as crianças formarão um círculo, ou com suas carteiras ou sentadas no chão, e apresentarão o seu trabalho para as outras.
- As outras crianças deverão dizer o que vêem nos desenhos do colega e, somente no final, este dirá o que ele próprio viu.

Comentário sobre a atividade

Esta atividade trabalha os processos de criação e de leitura da produção artística. As linhas formarão figuras e as cores definirão as formas. Cada elemento é um símbolo que tem algum significado. Refletir sobre eles enriquecerá tanto a leitura do mundo exterior quanto o fazer arte da criança. Pos-

sibilitará à criança enxergar aquilo que não é tão evidente ou claro, mas que está implícito nas solicitações e informações do seu dia-a-dia, bem como a expressar as sutilezas da sua visão de mundo e do seu próprio eu, de maneira mais eficaz e comunicativa.

DICA DE ESTUDO



FERRAZ, M. Heloísa C. de T.; FUSARI, M. F. de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

A Arte na Educação: exprimir, fazer ou conhecer?

Ora a Arte é concebida como um fazer, ora como um conhecer, ora como um exprimir.

Luigi Pareyson

A Arte como livre expressão

J á vimos que, por intermédio da Arte, o ser humano, seja qual for sua idade, expressa seus pensamentos, suas emoções, sua visão do mundo. A Arte é um veículo de expressão da sua própria elaboração da realidade. Na verdade, a Arte vai mais além, ela não exprime apenas o que a pessoa vê, o que ela pensa, mas o que ela realmente é: sua vitalidade, sua força, sua fraqueza, seus medos, seus sonhos, suas vontades, suas dúvidas, seus conflitos, seu temperamento, seu caráter...

Luigi Pareyson (1984, p. 30), um grande pensador sobre a Arte, escreveu:

Certamente, a arte é expressão. Mas é necessário não esquecer que há um sentido em que todas as operações humanas contêm a espiritualidade e a personalidade de quem toma a iniciativa de fazê-la e a ela se dedica com empenho; por isso, toda a obra humana é como um retrato da pessoa que a realizou.

Ao exprimir-se, a pessoa mergulha no fundo de si mesma com intensidade e absorção tais, que a concentração fica totalmente dirigida ao que está realizando. E durante o tempo em que ela está desempenhando uma atividade física, ela não apenas exterioriza o que sente e pensa, mas os próprios sentimentos e conceitos vão transformando-se. Pode-se afirmar, até, que o indivíduo que iniciou um trabalho artístico não é o mesmo que o terminou: ele passou por uma nova e rica experiência de aprendizado e elaboração do seu *eu* psicológico, em que não apenas o resultado da atividade é importante, mas também o seu processo.

Na Educação, a Arte além de ser uma ferramenta para o desenvolvimento da criança, é ainda um meio de o educador poder conhecer e compreender melhor o seu aluno e ajudá-lo no seu percurso. Por meio da Arte, o professor poderá perceber as mudanças que ocorrem no íntimo de cada criança: seus sucessos, suas vitórias, seus problemas, suas dificuldades, a maneira como está reagindo a determinada situação, suas alegrias, suas tristezas. O professor atento poderá enxergar inúmeras nuances da vida psicológica, dos seus educandos, nas entrelinhas do que é dito ou escrito, nos gestos e nas expressões faciais da fala ou na representação, nos espaços vazios dos desenhos, nas linhas mais leves ou mais enérgicas sobre o papel, nas cores usadas, nas palavras não ditas.

A Arte como uma ação

Sabemos que para expressar-se, o ser humano utiliza-se de várias linguagens, entre elas as artísticas como a música, as artes literárias, as artes cênicas (teatro, dança, pantomima), as artes visuais (desenho, pintura, escultura, arquitetura, fotografia) e as artes audiovisuais (vídeo, cinema).

Para que possa fazê-lo, ele precisa conhecer as técnicas, os materiais e os instrumentos necessários a cada um. Assim, o *fazer arte* implica um conhecimento desses vários elementos e uma convivência com eles. É extremamente importante que a criança tenha a oportunidade de entrar em contato com todas essas linguagens e que possa experimentá-las, para, então, optar pelas que preferir. E o local mais indicado para isso é a escola, pois é onde ela terá a chance de vivenciá-las de maneira organizada, sistemática, seqüencial, direcionada a objetivos educacionais, com critério e qualidade.

Conhecer as várias linguagens e suas possibilidades representa uma pesquisa e uma descoberta constantes. Ocorre por meio da manipulação delas, da observação e da avaliação contínuas do percurso e dos resultados do seu fazer. *Fazer arte* é escolher o que fazer, com o que fazer e como fazer. É brincar com o material escolhido. É combinar, adicionar, criar formas, construir, inventar caminhos e soluções. É um surpreender-se a cada momento. Por isso, é uma atividade grata, que a criança executa com prazer e alegria. Ela permite que a pessoa se mostre sem censuras, sem barreiras, que ela exercite a sua liberdade de ser ela mesma, de revelar sua própria maneira de ser, de ver e de representar a sua realidade, seja essa realidade uma fantasia ou não.

Luigi Pareyson (1984, p. 31-32), explica o processo do fazer artístico de uma maneira bastante interessante e que demonstra bem como ele acontece. Ele afirma: “a arte [...] é um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem simultâneas e inseparáveis [...] Concebe-se executando, projetando-se fazendo, encontra-se a regra operando”.

Qual é então, o papel do professor? Ele deve anular-se e deixar que a criança faça o que quiser? Deve impor sua visão, ensinando como e o que ela deve fazer? Nem uma coisa nem outra! Antes de tudo, ele deve conversar com a criança sobre aquilo que está construindo. Ele pode perguntar o que aquilo significa, porque escolheu este ou aquele elemento, porque foi em uma certa direção... a partir daí, e sempre para ajudar o educando a prosseguir (e jamais para corrigi-lo) ele pode sugerir, comentar e apontar opções.

Nesse contexto, é fundamental que o professor permita ao educando que ele encontre seus próprios caminhos, que faça suas próprias escolhas e julgamentos. Pode auxiliá-lo com comentários (sempre construtivos e positivos) sobre o que está bom naquele trabalho específico e sobre o que mais poderia fazer ou usar, sugerindo outras possibilidades. Antes de tudo, o educador deve respeitar a liberdade que a Arte oferece àquele que a executa, pois essa é sua essência: o poder expressar-se integralmente, de maneira pessoal e sincera.

Na Arte, não existe o que não é permitido. Pode-se, sim, estabelecer parâmetros. Pode-se propor um tema ou o uso de apenas certos elementos, ou ainda, partir de uma certa idéia, que cada criança desenvolverá à sua maneira... Mas o que mais importa é o que cada um fará, as soluções e combinações que realizará. É muito importante encorajar a criança para que ela mesma encontre o seu trajeto.

É muito comum que a criança, principalmente as mais velhas, e os adultos sejam tolhidos no seu fazer artístico pelo próprio processo educativo, por comportamentos adquiridos, por concepções do que é certo ou errado, por medo do ridículo ou por receio de errar. Ao professor cabe animar, dizer que é permitido fazer-se o que quiser, que nada é bobagem, que tudo e todos são igualmente importantes e que tudo o que se tiver a dizer deve ser ouvido com atenção e consideração pelo grupo. Somente, assim aquelas crianças mais tímidas e inseguras terão forças suficientes para expor o seu íntimo e as suas verdades.

A Arte como mediadora e como área do conhecimento

Se a Arte é a expressão do indivíduo, se ela é um fazer, como ela pode ser também conhecimento? E conhecimento em que sentido? De que forma?

Como mencionado, desde o seu nascer, a criança está inserida em um meio repleto de objetos, pessoas, idéias, situações, mensagens etc. Ela vive e convive com esse meio, passando a relacionar-se com ele: ela observa, reage, age, interage com ele, enfim, o apreende e dele participa. Na sua percepção da realidade, no seu querer compreendê-lo e no dialogar com ela, acontece o processo de conhecê-la. Esse diálogo ocorre também durante o ato da criança expressar-se em relação ao objeto ou ao tema da sua atenção. Enquanto cria e constrói, ela trabalha a sua consciência do mundo, faz relações entre fatos, coisas e situações vividas.

Vimos anteriormente que, para expressar seus sentimentos e pensamentos, a criança utiliza-se freqüentemente da arte, continuando, durante o processo de criação, o seu percurso de conhecer o universo que a cerca. Nesse sentido, podemos afirmar que a arte é mediadora do conhecimento, pois por meio dela, na relação que se estabelece entre o perceber o real, a sua apreensão e o representá-lo ou exprimi-lo é construído o saber.

A atividade artística, ou o fazer arte, implica também em um outro tipo de conhecimento: o manuseio e o domínio das técnicas, dos materiais e dos instrumentos. Para conhecer as inúmeras possibilidades dos traços, das cores, dos gestos, dos sons, das palavras, da voz, dos movimentos, é necessário explorá-los, experimentá-los, observar os resultados a cada etapa.

Se um produto artístico é a expressão de um indivíduo, ele é, ao mesmo tempo, expressão de um grupo ou da época em que foi feito. Sobre esse aspecto, podemos afirmar que Arte é um retrato do seu tempo, revelando inúmeras faces da sociedade em questão. Se podemos reconhecer traços da pessoa que a elabora, podemos igualmente ver características da comunidade e do contexto em que a obra de arte foi realizada.

Assim, a produção artística de uma época torna-se, também, um documento histórico, no qual se pode reconhecer desde o desenvolvimento técnico e as con-

dições econômicas e materiais daquela sociedade até seu conjunto de concepções religiosas, seus hábitos sociais, suas roupas, a maneira como viviam as pessoas, suas principais preocupações, como se davam as relações familiares e políticas etc. A obra de arte torna-se, assim, reveladora da nossa história, da nossa cultura, dos conhecimentos acumulados de geração em geração.

De fato, nosso saber sobre muitas civilizações pré-históricas e antigas somente se tornou possível, por meio do estudo dos objetos artísticos deixados por ela. Nesse sentido, não são apenas os artistas que estudam a arte: estudam-na os historiadores, os arqueólogos, os sociólogos, os antropólogos, os psicólogos, os educadores de maneira geral, os filósofos... Ela é tão carregada de símbolos e significados que, quanto mais tentamos compreendê-la tecendo comparações e relações entre vários saberes que ela contém, mais descobrimos sobre a humanidade e sobre nós mesmos.

Assim, observar a produção artística do passado e do presente, em sala de aula, nas ruas, nas nossas casas, torna-se uma maneira das mais eficazes para a construção do conhecimento. Aprofundar-se na Arte e na História da Arte, como campo de saber, é aprender com a nossa herança cultural, com o conhecimento acumulado pela comunidade. É examinar o modo pelo qual outros grupos lidaram com sua realidade, para, por meio da experiência deles, aprender a resolver melhor os nossos próprios problemas e desafios. Conhecer e saber é instrumentalizar-se para a vida.

É muito importante, portanto, ensinar a criança não apenas a expressar-se, a usar certas técnicas e linguagens artísticas, mas também a observar a produção artística dos outros, quer sejam obras de artistas consagrados, quer sejam as de seus amigos, e companheiros de turma. Ao observar, analisar, fruir e buscar compreender o que o outro pretendeu exprimir, ou ao explicar o que ela própria quis dizer na sua Arte, a criança estará exercitando a sua capacidade de interpretação da realidade. Estará, novamente, estabelecendo relações com o seu mundo vivido e estará ampliando o seu vocabulário de compreensão e elaboração da vida. Dessa maneira, a construção do conhecimento continuará por toda a sua trajetória, como se fosse uma espiral infinita: cada vez que uma informação é revisitada e relacionada a novos saberes, o patamar da experiência e do conhecimento será outro.

Nesse sentido, o educador deverá ser o facilitador da experiência da criança com a obra de arte. Ele será aquele que contribuirá para que a criança possa entrar em contato com o maior número possível de produções artísticas de qualidade, nas várias linguagens. Mas não basta apenas ver um quadro, ouvir uma música ou assistir a uma peça teatral ou um filme. É preciso conversar sobre o que viu e ouviu. É preciso refletir, oportunizar à criança a leitura da obra dos mais diversos ângulos.

Por meio de perguntas, pode-se conduzir o educando a descobrir e a enxergar novos aspectos daquele produto artístico, a ver detalhes que lhe passaram despercebidos, a estabelecer novas relações e a construir novos saberes.

TEXTO COMPLEMENTAR

As luzes e as cores

(FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 85-90)

Do ponto de vista físico e fisiológico, a cor é uma sensação provocada pela luminosidade. A luz branca sintetiza em si todos os comprimentos de ondas luminosas que podemos perceber. Essas ondas vão corporificar-se nas seguintes cores: violeta, anil (índigo), azul (cian), verde, amarelo, laranja, vermelho.¹ A nossa percepção dessas cores e de suas relações com as demais depende também da qualidade e cor da luz que as estiver iluminando. Isto porque as cores (nas superfícies, nos volumes) têm a capacidade de refletir e filtrar a luz para os nossos olhos.

Se, por exemplo, numa superfície branca, pintamos uma forma com tinta vermelha e a iluminarmos com luz branca, a camada vermelha irá filtrar essa luz, retendo as outras ondas luminosas coloridas e refletindo, para os nossos olhos, a vermelha. Por isso, vemos o vermelho que foi refletido pelo objeto iluminado e não vemos as outras cores, que não foram por ela refletidas. Um outro exercício interessante que pode ser feito é iluminar a mesma forma pintada de vermelho, com uma luz diferente da branca – por exemplo, a luz azul: observa-se que a forma será vista na cor preta, porque a luz azul contém a onda luminosa vermelha.

Essa capacidade da luz branca sintetizar todas as ondas luminosas e, conseqüentemente, todas as cores, permite várias possibilidades de trabalho com as luzes. Qualquer objeto, ou superfície branca, iluminado por uma luz colorida, adquire esta cor, que será refletida para os nossos olhos. Por outro lado, se for iluminado com duas cores sobrepostas, veremos outra coloração luminosa:

- Luz violeta + luz verde = luz azul (cian)
- Luz violeta + luz vermelha = luz vermelho-púrpura (magenta)
- Luz violeta, verde, vermelha sobrepostas = luz branca
- Luz cian + luz vermelha = luz branca
- Luz violeta + luz amarela = luz branca

Essa característica de alteração cromática pelas luzes é aproveitada nos efeitos cenográficos de teatro e *shows*. A televisão em cores é também resultado das combinações das luzes vermelhas, verde e violeta.

As cores e os pigmentos

As cores obtidas através de pigmentos podem resultar efeitos transparentes ou opacos. Os pigmentos são substâncias que dão coloração aos líquidos ou tecidos vegetais, ou animais, que os contêm.

¹ Estas cores do arco-íris ou do espectro solar, observado quando a luz branca atravessa um prisma de cristal (como foi demonstrado em 1666, por Isaac Newton).

Como as tintas coloridas são obtidas através de pigmentos, elas produzem efeitos diferentes das luzes coloridas. Ao somar-se luzes coloridas, correspondentes ao espectro solar, obtém-se uma síntese aditiva que é a luz branca, mas ao somar-se tintas coloridas, também correspondentes ao espectro, obtém-se uma tinta preta, que sintetiza uma subtração de possibilidades de refletir as cores.

As tintas

A tintas utilizadas em nossas pinturas são substâncias químicas que possuem basicamente dois elementos: os corantes (anilinas naturais, artificiais, pigmentos minerais) e os aglutinantes (resinas, caseína, cera de abelha, óleo de linhaça) capazes de fixar os corantes nos espaços pintados. Os corantes transparentes permitem a filtragem da luz, de tal maneira, que a superfície pintada reflete também a cor que vemos. Os corantes opacos, por sua vez, cobrem as áreas em camadas (espessas ou não) e são estas que refletem a cor final (e não tanto a superfície que as recebeu). [...]

As cores-pigmento

As cores-pigmento utilizadas para pintar, desenhar, presentes no guache, acrílico, aquarela, tempera, óleo, anilina, cera, grafite, pastel, não servem para impressão, mas têm uma infinidade de possibilidades no campo artístico, pela variedade de cromatismo e de plasticidade. Como essas cores são obtidas de pigmentos e meios variados (químicos, minerais, animais, vegetais) existem diversas nuances de uma mesma cor. Exemplificando, o azul pode ser azul-da-prússia, azul-ultramarinho, azul-celeste, azul-cobalto, mas sempre pertence à mesma gama de cor, que é a do azul. Para os artistas, esse conhecimento é muito importante, pois essa variedade permite qualidades cromáticas específicas.

As cores fundamentais são o azul, o amarelo, o vermelho e suas respectivas derivações: o verde, o laranja e o roxo.

- Pigmento azul + pigmento amarelo = verde
- Pigmento amarelo + pigmento vermelho = laranja
- Pigmento vermelho + pigmento azul = roxo

Podem apresentar-se em plena saturação, ou seja, em alto grau de pureza, sem misturas de branco e preto, ou diminuída a saturação, quando combinadas com estas últimas. Desta forma, a cor vermelha é mais saturada do que a rosa, porque esta resulta de uma mistura com o branco.

Ao acrescentar-se as cores branco ou preto às outras cores, obtém-se uma variação de tonalidade, que é uma característica qualitativa da cor. Neste caso, podemos perceber os valores de claro e escuro. É possível conseguir-se gradações de tonalidades, dependendo da quantidade de branco, preto ou cinza adicionada.

As alterações de saturação e tonalidade interferem, ainda, na capacidade das cores refletirem a luz.

As combinações das cores entre si e com as linhas, as texturas, as luminosidades, as superfícies, os espaços, os volumes apresentam resultados plásticos diversos.

ATIVIDADES



Desenho individual – Experimentação com sobreposição de planos transparentes e vivência dos conceitos propostos

- Material necessário: papel sulfite branco tamanho A4 ou ofício, lápis preto e lápis de cera, em várias cores.
- Desenhar vários círculos ou figuras geométricas, com partes sobrepostas e partes livres.
- Dar a cada figura, na parte livre, uma das cores primárias (azul, amarelo ou vermelho). Pintar fraquinho, como se fosse transparente.
- Nas partes sobrepostas, ver qual é a cor da figura na sua parte livre e fazer as respectivas combinações: azul + amarelo = verde; amarelo + vermelho = laranja; vermelho + azul = roxo.
- Se houver a sobreposição de três planos ou mais, ver qual é a cor em que isso resultará.
- Pode-se explorar também tons mais claros ou mais escuros. Pode-se fazer uma experiência com vários planos uma cor só, em que as sobreposições serão mais escuras que a parte livre.

Experiência de mistura de tintas

- Material necessário: papel sulfite branco tamanho A4 ou ofício, lápis preto e tintas guache ou aquarela, em várias cores.
- Realizar a mesma atividade usando tintas.

Observação de luzes coloridas com papéis de cores diferentes sobrepostos

- Material necessário: papéis transparentes (celofane) de várias cores e lâmpadas para projeção em parede clara, preferencialmente branca. As lâmpadas podem ser lanternas comuns, mas a luz precisa ser relativamente forte.
- Escurecer a sala de aula ao máximo.
- Experimentar projetar a luz na parede branca colocando na frente da luz o papel celofane, em uma das cores, depois outra, depois outra.
- Depois colocar papéis de duas cores diferentes e observar a mudança das cores.
- Experimentar várias combinações.

- Pedir que as crianças façam relações entre as cores que vêem e emoções. O professor não deve sugerir nada. Deixar que eles pensem e descubram. Exemplo: Azul = paz, tranquilidade. Amarelo = alegria, calor, vida. Se algumas crianças derem significados diferentes (opostos) às cores que outras, conversar sobre isso, mas respeitar a visão de cada um. Cuidado para não limitar a visão da criança e estereotipar com modelos negativos. Exemplo: vermelho = sangue, violência, raiva; mas, também, alegria, calor, energia, vitalidade, languidez.
- Perguntar se três ou quatro delas gostariam de representar uma emoção com o corpo, expressões e gestos. O restante da turma observará essa representação e escolherá quais as cores que melhor expressam aquela emoção. Depois, outras três ou quatro representam outra emoção e a atividade pode continuar, relacionando-se cores a emoções, explorando esse tema.
- No final da atividade, conversar sobre ela, avaliando se a luz colorida, realmente, acentua a expressividade da ação ou não. Pode-se falar da cor das roupas, das casas, do material escolar, da mochila, do livro e porque se gosta mais desta ou daquela. Importante é respeitar sempre a opinião e o gosto de cada um, valorizando cada afirmação.

Comentário sobre as atividades

Nas três atividades, nós experimentamos as cores primárias e as cores complementares. Vimos como a mistura de pigmentos com as cores primárias resultam nas suas complementares. Pudemos comparar o comportamento dos pigmentos e das luzes e avaliar se o que acontece com a combinação das cores é semelhante.

Vimos também que as cores transmitem sensações e traduzem emoções e podem ser usadas para transmitir ou fortalecer uma idéia.

DICA DE ESTUDO



DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Arte como construção individual e conjunta

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Paulo Freire

Sabemos que cada ser humano é único. É único em sua maneira de ser, em suas ações, em suas reações, em sua leitura de mundo, em como se relaciona com ele. Cada um é, portanto, individual, diferente de todos os outros. De outro lado, somos, também, seres sociais. É impossível vivermos isolados, distantes das pessoas e da sociedade, dos produtos da cultura.

Fazemos parte de diversos grupos, alguns menores, outros maiores: a família, os amigos, os companheiros de turma, a vizinhança, a comunidade da escola, os colegas de trabalho, a população de uma cidade, de um estado, de um país... Dependemos de outras pessoas e elas dependem de nós.

Nesse contexto social, desempenhamos tarefas, muito freqüentemente, em colaboração uns com os outros. Mesmos nas atividades individuais, interferimos de alguma maneira na vida em grupo: o produto de nossa ação e as mudanças que ocorrem no nosso interior e exterior estão, invariavelmente, ligados à nossa vida em comunidade.

A Arte, como nós já vimos, é uma atividade cujas características principais são a criatividade, a inventividade, a expressão da nossa visão de mundo, a reelaboração da realidade em um novo produto e a comunicação. O objeto artístico resultante desse processo (seja ele visual, sonoro, gráfico, representacional ou audiovisual) fará parte, por sua vez, da nossa ambiência e da nossa cultura, portanto, da vida da sociedade à qual pertencemos.

Mesmo no campo da arte, inúmeras atividades não podem ser realizadas por uma única pessoa: precisam da participação direta de outras. Nelas, a soma de idéias, das experiências, das especialidades de cada uma serão indispensáveis e complementares, possibilitando, assim, a criação de algo maior.

Podemos tomar como exemplo, a composição de uma canção em parceria, como ocorre na nossa maravilhosa Música Popular Brasileira – a MPB, em que um grande poeta, como Vinicius de Moraes, tinha seus textos musicados por Toquinho ou Tom Jobim, estes, por sua vez, músicos de alto nível. Suas composições são inesquecíveis e não dependem do tempo para nos ensinarem algo novo. Nas nossas salas de aula, podemos usar a gravação de *A Arca de Noé* (de Toquinho e Vinicius) como ponto de partida não apenas para as atividades nas diferentes linguagens artísticas, mas, também, em Ciências, Geografia, Ecologia ou Português.

Da gravação do CD que usamos para ouvir essas músicas, participaram muitas outras pessoas, tão indispensáveis quanto os compositores, para que elas pudessem chegar até nós. De fato, enquanto a composição está somente escrita ou somente na memória de alguém, ela não está completa. Ela precisa ser executada, cantada, para poder realmente existir como fenômeno sonoro. Ela depende, então, de alguém que a cante e de um ou mais instrumentos (alguém que toque o violão, a bateria, o teclado, outros instrumentos de percussão, a flauta, o baixo ou, talvez, toda uma orquestra). O processo

de gravação, além de um equipamento especial de tecnologia avançada (que para sua elaboração precisou de engenheiros de várias especialidades), necessita de técnicos de gravação que controlem cada detalhe, desde os timbres, o balanço das sonoridades, até a edição definitiva. Para ser comercializado, o CD precisou de artistas plásticos e gráficos, que idealizaram e produziram a capa e o *folder* com as informações sobre as músicas gravadas, bem como de escritores e revisores, que estabeleceram e corrigiram o seu conteúdo. Enfim, é uma grande equipe de técnicos e artistas que está envolvida na veiculação de um simples CD.

Outro exemplo de ação em grupo no campo da arte é a representação de uma peça teatral. São necessários vários personagens, todos eles essenciais, desde o mais destacado até aquele parece bem pouco. Cada um simboliza um caráter, uma personalidade, tem algo especial a dizer, comunica um significado específico. Se qualquer um deles estiver faltando, ou for simplesmente eliminado, a peça já não terá a mesa intensidade expressiva e certas sutilezas, que seriam expostas, terão deixado de ser transmitidas.

Ainda no caso de encenação de uma peça, outras pessoas tiveram papel fundamental: o autor do texto, que fornece a idéia e o material básico para que a representação pudesse ocorrer; o diretor, que escolhe o texto e os atores mais qualificados para cada papel e que orienta todo processo; o produtor, responsável por providenciar as informações e os objetos necessários ao espetáculo, bem como pela organização dos ensaios, do transporte de pessoas e materiais, das refeições, da parte financeira. Há, ainda, o cenógrafo, que cria os ambientes em que as cenas acontecem; o iluminador que, com o uso das diferentes cores e intensidades da luz, sublinha e acentua as emoções e as mensagens; o figurinista, que cuida para que as roupas, os sapatos e os adornos sejam adequados à obra apresentada, muitas vezes pesquisando-os e desenhando-os. Sem a participação de cada um deles – e cada um trabalha com técnicas e linguagens artísticas às vezes semelhantes, às vezes diferentes – a peça não poderia ser apresentada.

Examinaremos o que acontece na publicação de um livro. Quem são as pessoas que fazem parte desse processo? Primeiramente o escritor, é claro, que trabalha com os pensamentos e as palavras. Seu trabalho é um tanto solitário, quando escreve, mas para poder escrever ele precisa conversar com pessoas, ler jornais, ler outros livros, assistir a filmes e à televisão, enfim, ele precisa “alimentar-se” de dados e trocar idéias com colegas e amigos. Ao terminar seu texto, o editor lê, faz sugestões, depois o envia para um revisor. Talvez sejam necessários os trabalhos de um ilustrador e/ou de um fotógrafo, que elaborarão os desenhos ou fornecerão as fotografias que darão mais densidade informativa e mais vida à publicação. Haverá, ainda, alguém especial para escrever uma apresentação do autor e do livro, haverá material biográfico e foto do autor, um idealizador e um realizador da capa.

Após ter todo o material original em mãos, o editor o envia aos arte-finalistas, que irão formatar o livro: distribuir em cada página o conteúdo, escolhendo o tipo e o tamanho das letras, o lugar certo de cada figura, a disposição dos títulos, subtítulos e capítulos. Então, o original finalizado volta ao autor, ao revisor e

ao editor, para várias correções e mudanças, para assim, depois de tudo isso, ser impresso na gráfica (outro percurso que envolve técnica e arte), montado e distribuído para as livrarias.

O mesmo acontece com jornais e revistas. São tantas as pessoas anônimas envolvidas e que nem imaginamos existirem, que nos surpreenderemos imensamente se examinarmos todas essas áreas de atividade humana mais de perto.

Grandes painéis são executados, muitas vezes, por um conjunto de pessoas. Em várias cidades, nós os encontramos realizados em azulejos, concreto, mosaicos etc, alguns são idealizados por um só arquiteto ou artista plástico, outros o são por uma equipe.

São nos campos da publicidade (gráfica ou audiovisual) e do cinema, que mais pessoas estão envolvidas. Em muitas empresas desses ramos, o processo de criação começa com uma reunião em que vários profissionais fazem o que chamam de *brainstorm*, que quer dizer: uma tempestade cerebral. Essa “tempestade” é uma conversa, em que todos sem ter muito tempo para pensar, vão externando suas idéias. Eles dizem o que lhe vêm à mente, sobre um certo tema ou certa campanha publicitária, por exemplo, que têm para criar. Às vezes são idéias boas, às vezes não. Mas o importante é que cada uma faz surgir outra e outra, até que se delineiem direções novas e inventivas, imagens fortes e significativas daquilo que se quer exprimir.

Esse percurso de criação é muito rico, porque leva o grupo a caminhos que, sozinhos, os indivíduos não chegariam jamais. Ele desencadeia uma atividade imaginativa fértil e fecunda, ágil e movimentada, em que a mente consegue fugir dos mecanismos de autocensura e dos convencionalismos que cada um de nós traz, dentro de si.

A autocensura é um comportamento aprendido na nossa adaptação à sociedade. Desde bem pequena, a criança é educada a distinguir o certo e o errado, entre atitudes desejáveis e outras que deve controlar, ou até mesmo evitar. Ela passa a ser aprovada ou reprovada, dependendo do que fizer ou disser. Os “não faça isso, não faça aquilo, não diga isso, não diga aquilo, você não deve, você não pode, você não vai conseguir” são essencialmente repressivos e paralisantes, ao invés de, apenas, diretivos. Dependendo do temperamento da criança, acentuam sua insegurança ou sua timidez, criando bloqueios.

Convencionalismo quer dizer tudo igual àquilo que a maioria acha bom, ou que já foi feito antes, seguindo normas e padrões estabelecidos. É não ousar usar elementos diferentes, não quebrar fazeres “aceitáveis e desejáveis”.

A atividade artística e experiências como a “tempestade cerebral” trabalham no sentido oposto: elas buscam não uma adequação a um meio via expressão, não uma padronização de comportamentos, mas enfatizam as diferenças, a ousadia criativa e a inventividade. Elas permitem que as crianças superem seus receios de não serem aceitas, de terem sua opinião ou produção reprovada, rejeitada. Elas incentivam que o educando se exprima e se exponha, ajudando-o a superar seus medos.

Em Arte tudo é permitido. O que se pretende é que a criança se descubra, descubra aquilo em que é diferente e aceite-se e goste-se por isso.

Nesse caso, a atitude do professor é fundamental. A ele cabe encorajar, incentivar e estimular a criança na sua originalidade, isto é, exatamente naquilo em que ela não é igual às outras. É muito importante nunca dizer que algo que ela fez em Arte está errado, pois esse conceito não existe nesse tipo de ação. Pode ser diferente do que os outros fizeram, ou do que o próprio educador faria, ou pensou, ao propor tal atividade. Mas não está errado: é uma outra maneira de ver, de entender e de representar algo. O professor pode mostrar ao educando e à classe os pontos positivos daquele trabalho, ou daquela afirmação específica, e apontar outras possibilidades e direções, no sentido de enriquecer a vivência e o conhecimento sobre aquele assunto.

Uma das opções que o educador tem para desenvolver esse tipo de crescimento é promover a criação em grupo, na sala de aula. Todas as atividades mencionadas nesse texto, como tocar uma música em conjunto, representar um texto, criar um livro, podem ser realizadas com crianças de qualquer idade, adaptando-se a complexidade e a duração da ação para as respectivas faixas etárias e patamares de experiência das crianças.

Muito interessante para elas será a confecção de um painel. Isto envolverá a escolha do local onde ele será exposto, do tema que será abordado e dos materiais utilizados. Acarretará, ainda, um planejamento quanto à divisão de tarefas e às fases de execução. Será preciso, ainda, elaborar um esboço em um tamanho menor, para posterior ampliação.

A escolha do local será determinante quanto aos materiais usados. Se for uma parede externa, haverá preocupação relativa à exposição ao sol e à chuva, inviabilizando uma série de materiais. Se, ao contrário, optar-se por uma parede do corredor ou da sala de aula, haverá a oportunidade do uso de materiais mais variados e de mais fácil manipulação, bem como a exposição, por um período maior, do resultado alcançado.

Todas as questões devem ser debatidas com as crianças, para que percebam as razões de cada escolha. O mesmo ocorre com o tema: se elas propuserem as alternativas e chegarem à conclusão sobre qual a melhor delas, estarão mais envolvidas com a construção do painel e estarão, ao mesmo tempo, deixando sua imaginação fluir no mundo das idéias e das imagens, o que já é início da construção do projeto. O tema mais adequado será aquele que mais relação tiver com a realidade, com os interesses e fantasia de cada criança.

A partir daí, pode-se pedir que elas descrevam as formas, os conteúdos e os materiais que empregarão. É importante avaliar, com elas, que materiais são mais apropriados para exprimir as idéias que surgirem. O painel poderá ser realizado sobre papel, papelão, isopor, madeira etc., e poderá incluir tintas, cola, tecidos, sementes, folhas, recortes de revistas, pedaços de papel ou de madeira, arames, barbantes, fios, areia, pedrinhas, argila, gravetos e uma infinidade de outras possibilidades.

Elaborar um esboço em tamanho pequeno. Este poderá ser construído em conjunto no quadro-negro ou em papel, sendo que cada criança poderá juntar mais um detalhe, figura, linha ou cor.

A divisão de tarefas pode incluir a coleta do material, a preparação do espaço e das superfícies. Como o painel provavelmente terá grandes proporções, é possível dividir entre as crianças partes desse todo, assim, cada uma executará um pedaço dele. As partes serão, depois de prontas, unidas umas às outras, como um grande quebra-cabeças. É possível, depois da montagem do painel, brincar trocando as seções dele de lugar, ou substituindo-as por outras, criando novas e divertidas representações.

No final da experiência, os educandos sentirão-se felizes e orgulhosos com o produto do seu trabalho.

A experiência da construção em grupo é rica em aprendizados sociais. Trabalhar em equipe não é uma das situações mais fáceis, especialmente em um contexto tão individualista e competitivo como o nosso, em que se é incentivado a ser sempre o melhor, o primeiro, o mais esperto. Por isso, é tão importante poder experimentar esse tipo de atividade em conjunto na escola. O professor deve estar atento às diferenças de participação e liderança nos grupos, cuidando para que todos tenham a chance de opinar, de participar das decisões e de executar parte do projeto.

Em atividades dessa natureza, o educando aprende a compartilhar suas idéias e a ouvir as do outro; a dividir o “direito de propriedade” sobre a criação com seu colega; a aceitar a interferência dele na execução do “seu painel, que também é dele” e, mais ainda, “de todos”. Ele passa a perceber que a concepção e a ação do outro podem ser contribuições enriquecedoras no todo e não, necessariamente, uma intromissão ou um erro de rota. Ele pode experienciar que a cooperação pode abrir caminhos novos e desafiadores, revelar possibilidades inesperadas e desconhecidas.

Unir esforços em um projeto pode superar todas as expectativas, revelando que a diversidade é uma riqueza que se traduz em um resultado mais significativo. Respeitar, valorizar e tirar partido das diferenças é uma atitude sábia, que somente o trabalho em equipe ensina. Saber cooperar, dar conta da responsabilidade que lhe coube, ajudar e permitir ser ajudado, aceitar as suas próprias limitações e as limitações do outro, ver as coisas por ópticas antes desconhecidas são aprendizados que poderão exercer grande diferença, tanto na vida social da criança e do adolescente, quanto mais tarde, na vida profissional do adulto.

E o melhor de tudo isso é que a Arte, no processo educativo, permite que não apenas os alunos, mas também os professores tenham experiências enriquecedoras e criativas. Eles também vivenciam situações novas, divertidas, às vezes até inusitadas, envolvendo seu próprio crescimento como seres humanos e a ampliação da sua prática pedagógica. Nesse sentido, torna-se realidade a frase de Paulo Freire em que ele afirma que o “educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

ATIVIDADE

A confecção de um painel

De um todo (a idéia) para as partes (elaboradas individualmente ou em duplas) que formarão um novo todo (o painel).

- Material convencional necessário: dez metros de papel-filtro branco (ou menos, dependendo do tamanho da superfície disponível para exposição), papel sulfite branco, tamanho A4 ou ofício, lápis preto e lápis de cera coloridos, tintas guache, canetas de ponta porosa, pincéis macios de diversos tamanhos, borracha, durex ou fita crepe e cola branca.
- Materiais alternativos diversos: retalhos de tecido, sementes, folhas, recortes de revistas pedaços de papel ou de madeira, arames, barbantes, fios, areia, pedrinhas, argila, gravetos, massas de modelar coloridas etc.

Primeira etapa

- Escolha do local em que será exposto o painel, definindo dimensões, suporte etc.
- Proposição de possíveis temas pelas crianças e escolha do tema a ser elaborado.
- Idealização do painel pelas crianças.
- Elaboração conjunta de um esboço no quadro-negro, em tamanho menor, para posterior ampliação.
- Definição dos materiais a serem utilizados.
- Definição das frases da execução.
- Divisão das tarefas (a coleta do material, a preparação do espaço e das superfícies, quem executará que parte do painel).
- Cada criança copiará em uma folha de papel sulfite o esboço feito em grupo.

Segunda etapa

- Na aula seguinte, refazer o esboço no quadro-negro a partir dos desenhos das crianças.
- Dividir os esboços em pequenas áreas iguais e distribuí-las entre as crianças (em duplas) que as executarão no papel-filtro, ao chão.
- Cada dupla executará a parte que lhe couber.
- Quando prontas, as partes serão unidas umas às outras como um quebra-cabeças.
- Colocar o painel na parede, em exposição, convidando o grupo todo a observá-lo e a conversar sobre o processo de criação e construção, bem como sobre o resultado obtido.
- Convidar amigos, pais etc., para ver o que o grupo construiu.

Terceira etapa

- Trocar seções de lugar ou substituí-las por outras, criando novas e divertidas representações.
- Usar partes do painel como ponto de partida para outras idéias.

Comentário sobre a atividade

Esse trabalho de construção conjunta oportuniza a vivência do sentido de corpo, em que cada membro tem uma função igualmente importante. Permite perceber a importância da contribuição de cada um, desenvolve o respeito mútuo e a curiosidade pela linha de pensamento do outro.

DICA DE ESTUDO



KNELLER, George Frederick. **Arte e Ciência da Criatividade**. 10. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

Arte, comunicação e espaços socioculturais

O espírito pedagógico (assim como a arte) é comunicativo e profundamente humano, porque não opera no vácuo, mas vai ao encontro do outro, do homem.

Violeta Hemsy de Gainza

A Arte como forma de comunicação

J á nos ocupamos da arte como expressão humana, como uma exteriorização daquilo que o indivíduo sente e pensa, como uma elaboração da maneira como vê a realidade que o cerca e como concebe o mundo. Vimos, também, que o homem é um ser social, que depende dos outros e que tudo o que faz ou diz passa a fazer parte desse contexto social, influenciando-o e modificando-o.

As linguagens artísticas com todas as suas possibilidades e particularidades servem como instrumentos, como recursos para veiculação dessa expressão.

Ora, quem exprime alguma coisa, o faz para alguém: diz algo para que alguém ouça, escreve para que alguém leia, faz música para que alguém escute, pinta ou esculpe para que alguém veja. Esse alguém pode ser ele mesmo. Nesse caso, o autor assume também a posição de espectador, interagindo com sua própria obra, ou pode ser outro indivíduo, um grupo específico, ou ainda, as pessoas em geral.

O produto artístico, então, desempenha uma função mediadora: ele exprime uma idéia que é traduzida em símbolos e transformada em ação ou elemento concreto. Este novo elemento, por sua vez, transmite algo para a outra pessoa, que pode entender a mensagem de maneiras diferenciadas, conforme seus próprios referenciais. É por isso que as leituras da obra de arte por indivíduos diversos serão sempre diferentes: cada um verá aquilo que estiver mais próximo da sua própria experiência de vida, das informações que tiver acumulado e vivenciado, da sua história.

Examinando todo esse percurso com detalhes, veremos que o objeto artístico, como mediador da comunicação, transmite mensagens nem sempre compreendidas em primeiro momento. Frequentemente, é necessário olhar um quadro longamente, ou ouvir uma música, ou uma poesia, várias vezes; assistir a uma peça ou a um *show* com muita atenção, para apreender toda a gama de significados que pode conter. É preciso saber quem foi o autor daquela obra, onde e em que época viveu, quais as causas pelas quais lutava e quais as inspiraram, porque escolheu este ou aquele elemento, enfim, é preciso tentar enxergar o que está por trás das palavras, dos sons, dos gestos, das linhas e das cores que se pode perceber.

Entender a mensagem comunicada depende da abertura em relação ao objeto artístico. Ele próprio falará conosco, mostrar-se-á, revelar-se-á. Não se trata de inventar ou fantasiar algo que nós mesmo queremos ver. Trata-se de tentar aproximar-se ao máximo do pensamento e das motivações do autor, de permitir que ele, por intermédio da sua obra, dialogue conosco.

Para que isso possa ocorrer, é necessário que o espectador conheça os elementos da linguagem que ele está usando.

Se forem palavras, os aspectos a serem observados vão desde as sonoridades das palavras propriamente ditas (seu ritmo, sua melodia, sua intensidade) até os significados que cada uma delas têm naquele texto, as suas ambigüidades e as relações entre elas e as imagens que criam em nossa mente. Pode-se analisá-las do ponto de vista etimológico, buscando entender seus componentes; pode-se combiná-las de diferentes maneiras, procurando vislumbrar os vários sentidos em que são usadas; pode-se dizê-las em voz alta e com diferentes entonações e expressões faciais, ou corporais, para descobrir as diferentes cargas emocionais que podem carregar.

Nas artes visuais são outros os recursos usados. Ao se examinar um quadro, um desenho, um cartaz, uma ilustração ou uma fotografia, por exemplo, distinguimos a superfície, a linha, as formas, as cores, a transparência, o brilho, a opacidade, as texturas, os volumes, a diferença de planos, o movimento, a composição, a técnica. Observar vagarosamente cada um desses elementos e notar como podem revelar dados preciosos sobre o autor, sua visão do mundo e sua época.

Já a música pode envolver sons e ruídos agudos e graves, intensidades fortes ou fracas, andamentos lentos ou rápidos, ritmos mais simples ou mais complicados, melodias, harmonias, efeitos sonoros, massas de som em metamorfose, diversos timbres, conforme a fonte sonora (instrumentos musicais ou outros produtores de ruídos). Uma certa célula rítmica ou melódica pode trazer-nos a lembrança de certas situações (o canto do galo, o trompete de um soldado, um bebê dormindo, uma determinada dança). Essa lembrança pode traduzir-se em imagens na nossa mente, ou em estados de espírito, em emoções que nos levam a pensar sobre algo que nos diga respeito. A música, muitas vezes, leva-nos a sentimentos e à atitudes: se a música é vigorosa, temos vontade de agir com energia e coragem; se ela é calma, somos levados à sensação de tranquilidade; se ela retrata violência, desespero, angústia, podemos ser invadidos por sentimentos e pensamentos inquietantes; se ela é cheia de humor e leveza, queremos sair dançando, rindo, fazendo brincadeiras.

Cada elemento usado é um símbolo e carrega em si uma infinidade de significados, que serão “lidos” pelo espectador ou pelo ouvinte. É como se a mensagem fosse colocada em um código, que o outro terá que decodificar para entender.

Nesse contexto, o papel do educador é o de possibilitar que a criança tenha um contato amplo e vivenciado com os elementos das diferentes linguagens. Não basta olhar e ouvir: é preciso conversar, no grupo, sobre o que se está vendo e ouvindo e sobre os possíveis significados de cada coisa. É igualmente importante fazer, experimentar, as diferentes técnicas. A descoberta dos componentes de criação será, assim, vivida, e a criança poderá, posteriormente, reconhecê-los e analisá-los na produção de outros.

Ao estimular tanto a vivência das diversas linguagens, quanto a leitura dos diferentes produtos culturais, o professor estará ajudando o educando a alargar o

seu universo de conhecimentos e os seus ângulos de visão, para que ele possa perceber e compreender as mensagens contidas nos símbolos e nas obras artísticas. Ele o estará auxiliando a enxergar o que está velado, a ouvir o que não é óbvio, a perceber nuances da comunicação cotidiana e a entender o mundo que o cerca com mais profundidade.

Arte é comunicação. De outro lado, as mensagens de comunicação estão repletas de arte. É preciso oportunizar à criança a aquisição do instrumental necessário para a compreensão desse universo comunicacional.

A Arte nos espaços socioculturais e a prática pedagógica

Se a arte está em todo o mundo que nos cerca, qual é o lugar em que podemos aprender sobre ela? Quais são os espaços socioculturais nos quais transitamos? Podemos dizer que o primeiro desses espaços é a casa em que vivemos. Os objetos que nos cercam, os quadros, as músicas que ouvimos e dançamos, os programas de TV e os filmes a que assistimos, os instrumentos musicais que membros da família tocam, as canções que cantam, as fotos que olhamos, as revistas e os livros que lemos, os arranjos de flores, tudo isso vai formando nosso gosto e as nossas concepções sobre o que é belo, bom, útil, agradável e desejável. É, ainda, no ambiente familiar, que opiniões sobre todas essas manifestações artísticas são externadas e julgamentos são feitos e justificados. Assim, portanto, as preferências e os critérios de avaliação de cada criança são formados paulatinamente.

Nosso segundo espaço sociocultural é, geralmente, a escola. Nele, além de conteúdos relacionados à Matemática, às Ciências, existe bastante lugar para práticas que integrem Arte e a “leitura” da produção artística. Como temos refletido bastante sobre a Arte na escola, não nos vamos deter nesse aspecto, neste momento.

Haveria ainda outros lugares onde conhecer arte? Ou será que ela estaria limitada à família e à escola? Quais seriam esses outros lugares em que podemos vivenciar a Arte a aprender com ela?

Poderíamos enumerar alguns deles: os museus, as igrejas, as salas de teatro, os auditórios de concerto, as galerias de arte, os palcos montados ao ar livre para a apresentação de *shows* ou de peças teatrais, as praças com seus monumentos, os prédios públicos e as casas antigas com sua história, as exposições e as feiras de artesanato, as escolas específicas de arte, as universidades, as festas típicas de vários grupos étnicos da nossa cidade, os clubes, até mesmo nas ruas, nas bancas de jornal, e nos parques, a Arte está presente!

Qual é o papel específico de cada um deles?

Os museus abrigam coleções dos mais variados tipos. Visitas aos museus com nossas crianças são sempre experiências inesquecíveis e lhes revelarão mundos inimagináveis. Existem muitos museus que organizam visitas de turmas es-

colares, com guias que explicam cada objeto e, às vezes, fornecem material de pesquisa. Se em um museu houver uma mostra específica sobre um tema que está sendo estudado na sala de aula, vale a pena levar os alunos até lá. Bem-preparados para observar certos aspectos e sabendo de tudo que envolve uma instituição dessa natureza, as crianças, com certeza, saberão como se portar e mostrarão que merecem nosso voto de confiança.

O mesmo acontece se as levarmos para assistir a um concerto didático ou a uma peça teatral. Além de ser uma situação nova e cheia de novidades, um passeio é uma quebra da rotina; os assuntos que serão abordados devem ser trabalhados com as crianças antes do evento, aguçando-lhes a atenção para pontos especiais. Na volta, é necessário debater sobre os aspectos mais importantes da experiência e se possível, haver continuidade da ação, isto é, a continuação da atividade com a exploração de outras possibilidades. Isso deverá, de preferência, incluir uma elaboração própria dos alunos, individual ou em grupo.

Nas galerias de arte é possível pôr em prática todos os aprendizados das crianças sobre as artes visuais: as técnicas, as observações das massas, das linhas, das cores, das pinceladas, do traço, a desfiguração e deformação de figuras e objetos, a estilização de certos artistas, o academicismo de outros, o vigor do uso de cores e formas de uns, a delicadeza do estilo de outros, o trágico, o poético, o social, o festivo, o doloroso. É possível comparar obras, mensagens e estilos; se houver produções de diferentes épocas, pode-se reconhecer elementos da história, das sociedades, do modo de vida das diferentes comunidades etc.

Nas igrejas, nos prédios públicos e nas casas antigas, pode-se observar o estilo da construção e seus referenciais históricos, a simbologia e a função dos adornos e dos objetos, a distribuição do espaço e o tipo de pensamento ao qual remete. Os monumentos públicos nas praças, parques e ruas ensinam-nos fatos sobre a nossa própria identidade; o setor histórico da nossa cidade mostra-nos um pouco do que as pessoas corajosas e determinadas tiveram que enfrentar para construir a cidade em que vivemos.

Como vemos, muitos dos espaços socioculturais em que nos movemos são recintos fechados, alguns de acesso limitado, pois este depende da compra de um ingresso. Outros, ao contrário, são realmente públicos, abertos a todos sem distinção de classe social ou de poder aquisitivo. Nesse sentido, o mais democrático de todos é a rua. A rua com toda a sua riqueza.

Feiras de artesanato, festas das etnias, mercados de antigüidades, tudo isso são oportunidades em que se convive com a arte nas suas mais variadas formas: o artesanato na sua multiplicidade, as comidas típicas, os objetos criados e usados por descendentes de determinados povos, os móveis e os utensílios específicos de cada um, as suas canções e as suas danças, os repentistas, os anunciadores de produtos com suas falas, as roupas regionais (mesmo no Brasil, temos contrastes tão grandes, como as do gaúcho e as do cangaceiro!).

Até os grafites (não a pichação) nos muros e nas paredes pelos quais passamos todos os dias, no nosso caminho de casa para a escola, são arte. É bom

ressaltar que os verdadeiro artistas do grafite pintam sobre as superfícies com a autorização do seu dono.

Assim, percebemos que Arte está em todos os lugares e em todas as dimensões da atividade humana. Todos esses lugares são espaços socioculturais e todos eles têm a ver com o nosso aprendizado e os das nossas crianças. E o que a Arte nos ensina faz-no ver até mesmo a Educação de uma maneira nova. Ela nos mostra a própria Educação como uma arte em si, em que a criatividade e a inventividade a tornam um processo gratificante e cheio de novidades a cada instante. Educar em arte, educar pela arte, educar com arte, tudo isso são faces de uma mesma ação, sempre renovada, fantástica e mágica a cada novo olhar.

Nesse sentido, faço minha as palavras de Maria Seabra Loubet (1993, p. 60), quando ela afirma:

A arte de hoje, que não se deixa mais aprisionar nas salas de um museu ou nas cenas de um teatro, mas que se prolonga ao longo das ruas das cidades, tem o grande mérito de reviver a opção contínua, proposta a toda a Educação: levar o indivíduo a permanecer no lugar do ator, representando um papel imposto pela sociedade, ou levá-lo a viver o desafio do verdadeiro autor, o de fazer surgir o novo sufocado debaixo de velhas estruturas. Educar, mais do que informar ou formar, é criar. Cabe ao educador, hoje, o papel aparentemente subalterno de instigador, de detonador das potencialidades do educando. E, dentro dessa óptica, a Educação alarga seus horizontes com os próprios parâmetros da Arte. Somente na medida em que consegue descobrir o encanto do insólito, velado sob o manto do habitual cotidiano, é que a Arte atinge sua significação plena. E somente na medida em que levamos outrem a se tornar autor, seja de “obras” ou de sua própria vida – a maior das obras – podemos acreditar trabalhar na tarefa da Educação.

ATIVIDADE

Sonoridades I

- Sentar em círculo no chão. Na penumbra, se possível, fechar os olhos e ouvir os sons e os ruídos.
- Compartilhar com o grupo os sons e ruídos ouvidos.
- Explorar altura, intensidade, repetição e transformação do som e do ruído.
- Criar uma história que envolva esses sons. A palavra pode e deve ser usada também.
- Contar a história com os sons e ruídos a partir deles.
- No final da atividade, deitar no chão de olhos fechados, tentando perceber outros sons e ruídos.
- Sentar no chão em círculo e comentar a atividade.

Sonoridades II

- Trazer de casa objetos ou brinquedos com os quais se possa produzir ruídos ou sons.
- Experimentá-los na sala de aula, manuseando os objetos sonoros trazidos e permitindo que os outros alunos os manuseiem também.
- Criar uma história.
- Contá-la utilizando-se da voz, dos sons produzidos com os objetos trazidos e com o corpo.
- No final da atividade, deitar no chão de olhos fechados, ao som de uma música calma e em intensidade fraca.
- Depois de calmos e sentados no chão, em círculo, comentar a atividade.

DICA DE ESTUDO



PEREGRINO, Yara Rosas (Coord.). **Da Camiseta ao Museu:** o ensino das artes e a democratização da cultura. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1995.

O lúdico na sala de aula e a escolha dos conteúdos em Arte – o fenômeno sonoro

Apesar de a relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência.

Vygotsky

O lúdico e a Arte

Brincadeira e aprendizado

Muito se tem discutido sobre a importância do brinquedo, da brincadeira e do jogo no desenvolvimento infantil. Psicólogos do calibre de Piaget e Vygotsky estudaram profundamente esta questão e de que maneira o brincar se transforma, à medida que a criança vai crescendo e amadurecendo.

Ao tentarmos definir brincadeira e jogo, deparamo-nos com palavras como: diversão, entretenimento, distração, atividade prazerosa, passatempo, exercício recreativo sujeito a determinadas normas (algumas criadas durante o próprio jogo, outras preestabelecidas). O jogo pode ser entendido como uma atividade infantil em que as crianças colocam em movimento capacidades como a inventividade, a imaginação, a criatividade, a habilidade e a astúcia, entre outras.

As brincadeiras, para as crianças, estão repletas de desafios, experimentos e prazeres, e trazem consigo a vivência de alguma situação anterior, a descoberta de novas faces e possibilidades de algo conhecido ou a resolução de uma dificuldade nova. Ao brincarem umas com as outras, elas interagem de tal forma, que constroem juntas realidades vividas e/ou objetos que passarão a fazer parte da sua trajetória e do seu mundo. Criam novas imagens, vivem situações como se fossem reais (como ao brincarem de casinha, de super-herói, de fazer compras no supermercado, de corrida de Fórmula 1 etc.).

O brincar pode acontecer a partir de um objeto construído com esse fim, ou a partir de algo que passe a simbolizar esse brinquedo: um pedaço de madeira pode transformar-se em um caminhão viajando entre as montanhas, em um navio atravessando o oceano, em uma parede, em uma mesa para as bonecas, em um livro ilustrado...

Mais importante que qualquer aspecto, nesse processo de construção e representação da situação, é o percurso que a criança faz durante todo o tempo em que está envolvida. Ela inventa, ela cria, ela segue os seus próprios sentimentos e emoções. Imita o seu mundo exterior, usa de elementos dele, tudo isso com liberdade e autonomia. Ela é senhora dos elementos que utiliza, da direção da experiência, de até onde ela quer ir e do tempo em que quer estar mergulhada nela. Para Vygotsky (1989, p.117), na brincadeira é como se a criança fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de

aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

Vivenciando concretamente as situações do seu imaginário, a criança tem oportunidade de crescer e de avançar na sua trajetória de compreensão e consequente domínio da realidade. Por meio da brincadeira, a criança experimenta situações que envolvem o seu papel social, “inclusive os de relações de estratificação, de poder e de normas”.

Em outras palavras:

brincar na infância é um meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convive. Por isso, quanto mais intensos e variáveis forem a brincadeira e o jogo, mais elementos oferecem para o desenvolvimento mental e emocional infantil. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 85-86).

Brinquedo e arte

Nesse contexto, as brincadeiras de faz-de-conta, que são na verdade uma representação, isto é, um jogo dramático, apresentam-se ricas em simbolismos e significados, em diálogos com personagens da vida real e da vida imaginária e permitem uma atividade intensa de criação, inventividade e improvisação. Esses três elementos são componentes sempre presentes, também, nas outras manifestações artísticas. O mesmo ocorre quando a criança desenha, pinta, experimenta sonoridades novas ou canta uma canção.

É interessante notar que, nas suas brincadeiras, as crianças empregam frequentemente as linguagens artísticas, mesmo sem o saberem. O seu mundo é imensamente rico e variado, sua mente é flexível e fecunda. Elas não se limitam à fala ou algum programa preestabelecido: suas mentes estão em constante movimento e as ações, mesmo que diversificadas e complexas, estão integradas em um todo coeso e com sentido – a experiência.

O faz-de-conta envolve espontânea e naturalmente as várias artes: cada criança, no seio dessa brincadeira, age sobre o arranjo do espaço, experimentando conceitos arquitetônicos e decorativos (ela organiza e distribui os móveis na sua casinha de bonecas, que na loja imaginária em que faz suas compras...); ela trabalha elementos concretos que molda, esculpe, constrói, pinta, desenha (faz uso, portanto, de várias manifestações das artes visuais); ela interpreta ou inventa as músicas que canta para sua boneca ou durante a corrida de carro (canções de ninar, a canção que era tocada toda a vez que Ayrton Senna ganhava uma corrida) e imita sons e ruídos, exercitando-se nas artes sonoras; ela cria falas para as suas personagens, representa, dança (artes cênicas)...

A vivência é tão completa que abrange não apenas aspectos psicológicos e emocionais, mas também ajuda a criança a conhecer seu corpo, no sentido de coordenar movimentos e de desenvolver tipos específicos de coordenação motora. Essas atividades oportunizam-lhe relacionar seu pensamento lógico e abstrato (matemático) à operações simples do cotidiano (comprar maçãs imaginárias, con-

tá-las, contar o dinheiro para pagá-las; cronometrar o tempo gasto pelo seu cavalo e pelo de seu amigo na corrida de cavalos ou efetuando operações aritméticas).

Os jogos e a Arte, em sala de aula, podem desempenhar um papel privilegiado de instrumentos educativos. Tudo o que é realizado de maneira agradável e alegre resulta em participação, interesse e corrobora a motivação. Obtemos muito mais rendimento e cooperação dos nossos alunos, se o nosso dia-a-dia na escola estiver impregnado de bom humor e desse espírito brincalhão. A atividade de aprender pode ser prazerosa, sempre, em qualquer campo do saber. E, nesse contexto, a atmosfera de liberdade e de respeito propiciada pela Arte torna-se, de um lado, veículo de autoconhecimento e de autoconfiança; de outro, oportuniza a manipulação dos conteúdos e a fixação do aprendizado.

As atividades artísticas fornecem aos educandos, ainda, um outro tipo de equilíbrio extremamente necessário ao seu crescimento harmonioso: enquanto existem conteúdos programáticos como a Matemática, o Português e as Ciências, que, na maioria das vezes, permitem chegar a apenas uma resposta (como $2 + 2 = 4$; bocarra é o aumentativo de boca; ou o Paraná está localizado na região Sul do Brasil), a Arte admite uma infinidade de caminhos, soluções e resultados. Enquanto certas disciplinas direcionam e têm padrões homogeneizantes, as artes ensinam-nos a encontrar nossos próprios trajetos e, mais ainda, definirmos próprias metas.

Arte e jogo

O exercício da liberdade, a possibilidade da escolha, a decisão sobre que meios usar para este ou aquele fim treinam o aluno para a vida prática, em que estará sujeito a inúmeras situações inesperadas e ainda não aprendidas. É nessas ocasiões que capacidades inerentes à Arte e mencionadas anteriormente, como a criatividade, a inventividade e a improvisação, são essenciais. E apenas as atividades relacionadas a esses elementos permitem esse treinamento, tão vital, para sobrevivência em sociedade.

Ao mesmo tempo em que o lúdico e a Arte estão presentes nos processos de vivência espontânea da criança e são usados, também, como instrumento no aprendizado das diversas disciplinas do tecido curricular, o próprio “fazer arte” e o conhecer a Arte como área do saber podem e devem ser imbuídos desse espírito divertido e alegre. Assim, podemos usar o brinquedo e a brincadeira como parte integrante dos métodos e procedimentos educativos de um programa de Arte, pois “a experimentação, a criação, a atividade lúdica e imaginativa, que sempre estão presentes nas brincadeiras, no brinquedo e no jogo, são também os elementos básicos das aulas de arte para crianças”. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 89).

É necessário, no entanto, cuidado especial para não perder o rumo do processo educativo. O brincar deve ser incentivado sem perder de vista o conteúdo a ser ministrado. Brincar, nesse caso, seria apenas uma estratégia (mas uma maravilhosa estratégia) para a melhoria da qualidade de aprendizagem. Não a finalidade em si mesma e, muito menos, algo para manter as crianças ocupadas.

O professor deverá estar atento a todos os detalhes. Ao observar como se desenvolve a brincadeira, ele pode, com algum comentário ou com alguma pergunta ou sugestão, orientar o direcionamento da atividade. Ao avaliar continuamente a intensidade da participação de cada criança, ele pode encorajar as que participam apenas de maneira periférica, buscando sua integração maior ao grupo ou à ação. Ao estimular idéias e opiniões na classe, ele estará incitando os educandos ao alargamento da sua capacidade de observar, de expressar-se e de compreender partes, antes não percebidas daquela unidade.

Nesse sentido, “intervir não é ‘atrapalhar’, mas discutir, propor, retrabalhar, reexaminar”. (VASCONCELOS, 1986, p. 50).

Elementos artísticos não-convencionais

Brincar, sentir prazer na criação, sentir-se capaz de, a partir das próprias mãos ou do próprio corpo, construir algo significativo. Fazer algo novo a partir de coisas velhas (instrumento, objetos, linhas, cores, sons, gestos, espaços). Há milhares de anos, o homem faz uso desses mesmos elementos. No entanto, cada novo ser, mesmo empregando essas coisas “velhas” cria sempre algo diferente. É como se o novo nascesse do velho continuamente, incessantemente.

Criar é brincar com elementos disponíveis. Às vezes, é um processo pleno de satisfação, outras vezes, é um trajeto penoso e sofrido. No entanto, somos levados a realizar o percurso por algo que nos impulsiona, nos empurra. E nesse caminho passamos a perceber a existência de outros elementos, além daqueles que foram convencionados como integrantes da música (os sons e os instrumentos que conhecemos), os desenhos e pinturas nos quais reconhecemos uma representação de figuras e objetos do mundo em que vivemos, danças cujos passos aprendemos e dramatizações com palavras e gestos usuais.

Na verdade, o mundo expressivo engloba muito mais que aquilo que nossa herança cultural nos legou como arte. A pintura, por exemplo, não está apenas nos quadros das nossas paredes: ela está na pintura do corpo dos nossos índios, quando se preparam para uma ocasião especial; está em simples rabiscos ou em composições abstratas (quadros que muitas vezes não entendemos). A música pode não ser composta somente por sons produzidos pelos instrumentos musicais como o piano, o violino, a flauta, a guitarra ou o violão, mas pode incluir barulhos de motores, buzinas, ruídos quaisquer, gritos de animais, pios de pássaros, o próprio silêncio... A dança e o teatro não precisam constituir-se apenas dos passos, da movimentação e dos gestos tradicionais, mas podem abarcar toda uma gama de expressões corporais, faciais e vocais, que veiculem o conteúdo emocional.

Podemos fazer arte em qualquer lugar e a qualquer momento. Não precisamos de papel para desenhar: podemos usar o chão da praia. Não necessitamos de argila para modelar: existe a areia; não é preciso um teatro para representar ou dançar: o *hip-hop* acontece nas ruas; existem contadores de histórias e artistas plásticos que moram em praças e usam papéis de bala e plásticos (lixo!) para a sua criação.

Tudo pode ser transformado, retrabalhado, revisitado, qualquer coisa pode tornar-se material precioso, nas mãos daquele que deixa a sua imaginação fluir e a segue, permitindo, a si mesmo, o fantástico e mágico ato de criar. As crianças são mestras na arte de experimentar e descobrir novas possibilidades nas coisas mais simples e aparentemente mais inúteis. Sua imaginação dá vida a um pedaço de barbante, constrói um mosaico luminoso a partir de tampinhas de garrafa, cria toda uma atmosfera sonora a partir do bater e do arranhar de pedaços de madeira ou de pedrinhas.

Não é preciso material específico para fazer arte. O grande cientista Einstein, referindo-se aos átomos, disse uma vez: “na natureza nada se cria, nada se forma, tudo se transforma”. Com certeza, ele não estava pensando no processo artístico, mas sua afirmação serve à Arte como uma luva. Não há nada de novo, mas há sempre uma nova maneira de ver, de combinar, de juntar, de manipular tudo o que está ao nosso alcance. Nesse sentido, há também o permitir-se incorporar ao nosso produto criativo elementos não usuais, mas que fazem tão parte do nosso entorno quanto aqueles que se convencionou usar na arte.

Criar, ousar, romper preconceitos e barreiras na criação artística – deliciosa experiência!

Sobre o fenômeno sonoro

O ruído e o som

O que é música? Com o que fazemos música? Será que os barulhos podem fazer parte daquilo que chamamos de música?

Desde o início do século XX, a concepção de que a música somente poderia ser feita a partir de instrumentos musicais que produzissem sons (ondas que vibram de maneira regular) foi alargada. Compositores de grande influência começaram a compor também com ruídos (sonoridades que ocorrem a partir de ondas irregulares e sobrepostas) e demonstraram que qualquer fenômeno sonoro pode transformar-se, criativamente, em uma estrutura compreensível e que transmita algo.

Nas nossas salas de aula, podemos fazer uso de várias fontes de ruído, combiná-las, estruturar uma idéia a partir delas e construir uma forma que tenha sentido e traduza um pensamento ou uma emoção.

A produção do som: instrumentos de percussão, de sopro e de cordas

A produção do som pode ocorrer de várias maneiras. As tradicionais são os instrumentos de percussão, de sopro e de cordas, usados na maioria do que até pouco tempo chamávamos de *música*.

Os instrumentos de percussão são todos aqueles em que se bate, se percute. Nesse grupo, estão os tambores com suas inúmeras formas, o triângulo, os pratos, o xilofone, o metalofone, o litifone, os pauzinhos, os chocalhos, o berimbau, o piano (pois martelos batem nas cordas) e a bateria.

Instrumentos de sopro são todos os que produzem sons por intermédio de uma coluna de ar: as flautas doces, as flautas transversais, os apitos, o oboé, a clarineta, o fagote, o trompete, a trompa, o trombone, a tuba, o órgão antigo (de tubos).

Os instrumentos de corda são divididos em: instrumentos de cordas dedilhadas, friccionadas e pinçadas. Ao primeiro grupo pertencem o violão, o bandolim e o alaúde; ao segundo, o violino, a viola, o violoncelo, o contrabaixo; e ao terceiro, o cravo e a harpa.

Esses instrumentos eram os mais usados, até que se descobriu a eletricidade. A partir daí, foram surgindo outros como a guitarra elétrica, o baixo e o teclado. Com o desenvolvimento do computador apareceu o sintetizador, que cria e manipula sons, imita instrumentos tradicionais etc.

Estes são os instrumentos musicais mais usados, atualmente. No entanto, cada civilização, cada sociedade no decorrer da história criou e desenvolveu seus próprios instrumentos, todos eles com o fim específico de criar um determinado tipo de sonoridade. Eram feitos dos mais variados materiais, desde pedras, paus, bambu, madeira, conchas, couro, ossos, cerâmica, cobre, prata, latão, zinco, até vidro, cristal, marfim e ouro.

Nós mesmos podemos fazer instrumentos com objetos e materiais que encontramos a nossa volta.

Agudo e grave, forte e fraco, timbres

Os sons têm algumas características especiais, entre as quais podemos distinguir especialmente:

- *a tessitura*: o som pode ser agudo, médio ou grave em toda a sua gama. De maneira geral, quanto menor o instrumento ou a corda, mais agudo é o som; quanto maior, mais grave. Da mesma maneira, podemos notar que crianças têm uma voz mais aguda que as mulheres. Já a voz dos homens é, geralmente, bem mais grave. Isso acontece porque a laringe da criança é menor, a da mulher tem dimensões médias e a dos homens é bem mais larga e maior;
- *a intensidade*: o som pode ser desde fortíssimo, forte, até fraco, ou quase inaudível, em todas as suas inúmeras graduações;
- *o timbre*: cada instrumento produz sons com timbres diferentes: a mesma nota tocada em um piano soa de maneira diferente ao violão ou à flauta, por exemplo. Tratam-se de diferenças que muitas vezes chamamos de “a cor do som”: um claro (agudo e penetrante como o da flauta doce; soprano); um som velado e escuro (grave e difuso como o de uma trompa ao longe).

Fazer música é brincar com os sons. Ordená-los, criar com eles formas, coloridos... Em finais do século XIX, havia um compositor que dizia pintar com os sons. Era Debussy, o mais importante impressionista na música. Experimente você, também, pintar com sons!

Tente ouvir uma música de Debussy, desenhe e pinte o que ela lhe sugere. Se quiser, escreva ainda um poema, ou aquilo que ela significou para você. Depois, mostre sua produção artística aos seus colegas e conversem sobre o que cada um fez.

ATIVIDADE

Experimentando os sons

- O professor trará instrumentos musicais de fácil manipulação: pios de passarinho, instrumentos de percussão em geral e de corda.
- As crianças poderão observar sua construção, suas formas, sua sonoridade.
- Poderão experimentá-los.
- Criar uma história que sugira sonoridades.
- Criar as atmosferas sugeridas, com a voz e os instrumentos.
- Em casa, as crianças deverão procurar objetos que produzam som, poderão construir outros instrumentos e deverão trazê-los na aula seguinte.

Comentário sobre a atividade

Essa atividade permitirá aos educandos perceber a diferença entre ruído e o som, o agudo, o grave, o forte e o fraco. Observando, manipulando e tocando os diferentes instrumentos, eles distinguirão as diferenças entre os de percussão, de sopro e poderão compreender os diversos modos de produção do som.

É muito importante, no início da atividade, mostrar a fragilidade desses objetos sonoros e ensinar algumas maneiras básicas do seu manuseio, para que não haja danos a eles. As crianças são, nesses casos, bastante cuidadosas e compreensivas.

DICA DE ESTUDO

HEMSY DE GAINZA, Violeta. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Summus, 1988. v. 31: Novas buscas em educação.

Interculturalidade: Arte e História

A vida social exige, para o seu próprio desenvolvimento, a intervenção de uma atividade formativa, que colabore de arte muitas das suas manifestações [...sendo] alimentada pela fantasia e pelo sentido de forma.

Luigi Pareyson

Arte: expressão social ou coletiva?

Examinamos, anteriormente, alguns aspectos em relação à Arte como integrante da experiência do indivíduo: um fazer, um compreender o nosso universo, uma leitura da mensagem de outro alguém; nós a analisamos, também, como uma construção conjunta, mas, sempre, abordando o crescimento e a vivência daquele que a faz e a experimenta. Mas, até que ponto a Arte é uma experiência ou uma realização, apenas e completamente, individual? Ela pode ser considerada uma manifestação de uma coletividade, de uma sociedade? Podemos ler nela realidades que ultrapassam os pensamentos e as emoções daquele que a elaborou? Ou ela é incapaz de revelar-nos algo que transcenda essa dimensão?

Luigi Pareyson, filósofo italiano cuja obra foi escrita e difundida especialmente na segunda metade do século XX, explica-nos esta questão de uma maneira bastante clara. No texto a seguir, ele parte não do ponto de vista do indivíduo, mas da óptica do todo, da coletividade à qual aquele ser pertence. Para ele,

a obra de arte contém o espírito do tempo, a voz de um povo, a expressão de um grupo, mas tudo isso o contém retratado na singularíssima espiritualidade de uma pessoa [...]. No mundo humano, qualquer manifestação coletiva é sempre, ao mesmo tempo, pessoal: aquilo que é comum é resultado das contribuições pessoais e age através de adesões e realizações individuais. Um povo, um grupo, uma civilização são realidades suprapessoais nas quais, no entanto, somente se participa pessoalmente. Por isso, a obra de arte contém a voz do povo e do tempo [...] enquanto contém a participação pessoal do artista no espírito do povo e do tempo, participação de adesão ou de revolta, mas, sempre, uma reação pessoal. [...] Esta voz pessoal e singularíssima traz consigo [...] a voz coletiva e suprapessoal, não necessariamente deformada ou transfigurada, mas, muitas vezes, [...] fielmente recolhida e apresentada, [...] interpretada pela perspectiva irrepetível e inconfundível do artista”. (PAREYSON, 1989, p.83).

Quando Pareyson se refere a “um povo, um grupo, uma civilização” como “realidades suprapessoais”, ele nos mostra que o coletivo não é uma anulação do individual, mas, sim, a soma de todos os particulares. Assim, o pensamento de um grupo ou de uma época é o produto da contribuição de cada um, ao mesmo tempo em que serve como base para a construção de novas idéias e conhecimentos pessoais. É como se um se alimentasse do outro, em um processo interminável: o coletivo é o fundamento sobre o qual surgem novas concepções (nas pessoas); essas novas concepções fundem-se novamente no todo, como uma nova contribuição; e começa tudo outra vez (lembremo-nos da construção da experiência como uma espiral infinita).

Assim, temos agora duas novas linhas a examinar: a primeira diz respeito à Arte como integrante de todos os processos e atividades das sociedades humanas; a segunda, à análise dos elementos que constituem as linguagens artísticas dos vários povos do nosso planeta, durante toda a sua história e que nos revelam, continuamente, inúmeros fatos novos, e surpreendentes, acerca deles e de nós mesmos, como seres humanos.

A Arte está mesmo em todas as atividades humanas

Em tudo o que fazemos, usamos da nossa criatividade, exprimimos o que pensamos, demonstramos o que é mais importante para nós. Um cientista que faz experimentos biológicos ou físicos, por exemplo, usa da sua imaginação, observa os fenômenos, experimenta, descobre. Um engenheiro que projeta e constrói uma ponte cria uma estrutura adequada ao movimento de veículos, mas que se tornará, ao mesmo tempo, parte da paisagem: as formas da ponte devem ser agradáveis aos olhos, integrar o todo da natureza não como uma agressão a ela, ou como algo artificial, mas como alongamento das linhas das montanhas.

Um cozinheiro, ao misturar temperos especiais a um prato, pode fazê-lo com preocupações tanto nutricionais quanto estéticas: aquele prato deverá ter um aroma irresistível, uma aparência bonita (mantendo as formas e as cores originais dos legumes, das frutas, das carnes e combinando-as de maneira artística), um saber encantador que dê a sensação de prazer e satisfação. Mesmo um médico precisará usar de arte ao fazer um corte e ao suturá-lo, unindo eficácia à preocupação de não deixar cicatrizes (ocupa-se, pois, não apenas da saúde do paciente, mas também da sua beleza). Cálculos difíceis de Matemática são resolvidos por grandes cientistas das áreas como uma brincadeira, um jogo da lógica.

Qualquer que seja o campo de atuação da pessoa, ela estará sempre criando, exprimindo, brincando e escolhendo caminhos novos na resolução dos seus desafios. Ela estará também, julgando esteticamente o produto da sua ação: terá prazer, contemplará, observará e corrigirá sua rota; ela estará deixando aflorar com toda a intensidade e sinceridade, assim, o seu íntimo, a sua personalidade. Todos esses componentes foram examinados por nós, quando analisamos os vários aspectos da atividade artística e todos eles fazem parte de todo e qualquer campo de atuação do homem.

Assim, podemos afirmar que existe Arte na Engenharia, na Medicina, na Química ou na Biologia. Existe Arte no ensinar, no cuidar para que nossos educandos compreendam cada vez mais e de maneira seqüenciada e sistematizados os segredos e as maravilhas da cada conteúdo disciplinar. Ensinar de maneira a orientar a criança no seu crescimento, no seu entendimento da vida, é ensinar com arte.

Elementos das linguagens artísticas dos povos na sua história

Um aspecto que nos interessa de maneira especial é a maneira como cada grupo ou comunidade adota elementos da natureza e da cultura e sobre eles constrói o seu saber, os seus hábitos, o seu universo de códigos.

Já vimos que a civilização ocidental teve suas manifestações artísticas modificadas com o correr do tempo. Não estão em discussão os conceitos de evolução, de adiantamento, de atraso ou de nível de desenvolvimento dos diferentes povos, pois, dentro do seu mundo cultural cada comunidade desenvolveu as tecnologias e os modos de comunicação dos quais ela própria necessitava para a sua sobrevivência. Mudanças econômicas e políticas ocasionavam mudanças também nas relações sociais, no desenvolvimento tecnológico e comunicacional e nas próprias necessidades daquele grupo. Assim, iam surgindo novas maneiras de expressão.

Alguns exemplos podem ser vistos na arte egípcia, a arte grega, na arte renascentista, na arte impressionista, na arte moderna, entre outras.

Se examinarmos vários grupos hoje, vamos descobrir visões de mundo extremamente diferentes e até opostas, nos vários lugares do mundo. No Tibete, vamos encontrar os monges budistas em suas orações e meditações, com suas roupas de cor alaranjada, que é a cor mais nobre e cheia de vida para eles. Na ilha de Bali, vamos ver orquestras inteiras de metalofones, xilofones, gongos, símbolos e outros instrumentos de percussão. Entre os índios brasileiros, veremos as pinturas que fazem sobre o seu próprio corpo, suas danças, seus cânticos de guerra, de trabalho ou de festa, seus instrumentos musicais, suas ocas etc. Os inúmeros povos africanos têm cada um uma riqueza imensa na sua música: os batuques, os cantos, as danças, as festas, suas roupas com estampas coloridas e com motivos grandes e geométricos.

Os povos europeus mantêm vivas suas tradições culturais no decorrer dos séculos: anualmente, em quase todas as cidades, são realizadas festas que mantêm conservadas as lembranças sobre a história local. Até mesmo a comida de cada região está relacionada à sua tradição (os franceses e seus queijos, os suíços e seu chocolate, a Itália e suas massas, a Espanha e seus vinhos e frutos do mar).

Dos americanos, herdamos muito da indústria cultural: sua música jovem (*rock* etc.) e seus filmes hollywoodianos invadem nossos lares e espaços urbanos, diariamente; adotamos componentes do seu estilo de vida, traduzidos em coisas para nós já corriqueiras como tomar uma Coca-cola (por que não guaraná ou suco de acerola, de manga, de goiaba?) e o McDonald's (*fast food*: comida rápida, sem perder tempo, no entanto feita em série, igual no mundo todo, padronizada).

Mais perto de nós, na América Latina, podemos observar tocadores de flautas de Pan e tambores, na Bolívia, com suas roupas com listras coloridas. No

México, vemos os grandes mosaicos nas construções de prédios do século XX, com motivos e temas políticos e históricos, os grandes *sombreros*, as construções Maias de mais de 3.000 anos atrás. Na Argentina, encantamo-nos com a força dramática e a sensualidade do tango, dança que nasceu nesse país e é admirada no mundo todo. No Caribe, podemos ouvir e dançar uma rumba, um bolero, um tcha-tcha-tchá com seus chocalhos, seus atabaques e seus cantores, e ver pessoas vestidas com roupas estampadas com florais e cores extremamente vibrantes.

No nosso próprio país, o Brasil, a variedade de manifestações culturais é imensa. Se falarmos somente sobre manifestações da música e da dança, teremos o frevo, em Pernambuco; o samba do morro, no Rio de Janeiro; o axé, na Bahia; as duplas sertanejas, em Goiás; o bumba-meu-boi, na Amazônia; as bandas de pífaros e os repentistas, no Nordeste; o fandango, no litoral do Paraná; as muitas tradições musicais das nossas diferentes tribos indígenas e muito mais. Na música urbana carioca, não podemos deixar de mencionar a bossa-nova (com Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo, Toquinho e tantos outros, nas décadas de 1950 e 60) e o tropicalismo (com Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outros, que mudaram o rumo da nossa MPB, em finais dos anos 1960 e durante os anos 70).

Da época da ditadura (1964-85) temos o teatro com engajamento político e que sofreu tantas censuras e perseguições. Desse tempo é também a canção de protesto (Geraldo Vandré e Chico Buarque, por exemplo).

Hoje, vivemos em uma época caracterizada pelo processo da globalização econômica e que apresenta, ao mesmo tempo, uma ênfase curiosa na direção oposta quanto às questões da cultura. Sob esse aspecto, podemos perceber que as indústrias do filme e da gravação, sonora e visual, estão atentas às manifestações artísticas mais diversas. São inúmeros os documentários sobre povos quase desconhecidos e as suas manifestações culturais; sobre a obra de artistas de todas as linguagens; sobre grupos marginalizados pelo circuito comercial; por personagens da história aparentemente periféricos ou esquecidos e o seu contexto. Estes documentários, na sua grande maioria, são produzidos a partir de pesquisas muito sérias, por pessoas e artistas apaixonados pelo tema escolhido, e convencidos da importância e originalidade dos assuntos.

Se lembrarmos que até há poucas décadas, ter contato com civilizações e culturas remotas dependia de ir ao encontro delas, a milhares de quilômetros de distância; é realmente fantástico perceber que está ao nosso alcance assistir a filmes e ouvir gravações mostrando-nos essa maravilhosa diversidade.

Mas, para podermos entender as manifestações culturais e artísticas de outros grupos, mesmo as do nosso próprio país, precisamos nos despojar dos nossos modelos e da pequenez do nosso mundo particular. Precisamos nos abrir para observar e, especialmente, para compreender as razões que levam tal comunidade a dançar e a cantar assim, ou de outra maneira. Precisamos de humildade para não afirmarmos que somos mais adiantados tecnologicamente e que, portanto, não temos nada a aprender com os outros. Devemos tentar entender, descobrir as

minúcias, experimentar as emoções e as visões de mundo daqueles que não conhecemos.

Devemos prestar atenção a cada detalhe, tentar decodificar a sua linguagem não apenas falada, mas também gestual, as suas expressões faciais, os elementos da fala, do canto e da música, os ruídos, os gritos, os grunhidos, a fala-cantada e o canto-falado, a representação corporal, as cores e os desenhos das suas roupas, as formas das suas construções, as linhas, os volumes, as texturas, a luminosidade, as formas dos seus desenhos, pinturas e esculturas... enfim, cada peça minúscula que constrói o mosaico da vida de uma certa sociedade.

E tudo isso vai estar fundamentado em algo que estabelece a coerência do todo: o sistema de pensamento do grupo. É o pensamento que ordena todos os outros elementos. Tentando compreendê-lo, com suas razões e contradições, estaremos compreendendo outros seres humanos, que experimentam, como nós, alegrias, tristezas, conflitos, necessidades, privações, angústias e vitórias. Podemos aprender, a partir do modo como eles resolveram os seus problemas, como lidar melhor com a nossa realidade, como encarar os desafios com os quais somos confrontados no nosso dia-a-dia.

Fórmulas musicais: pedais, bordões e efeitos

Na música dos vários povos, apesar das intensas diferenças de concepção e função que ela pode ter em cada grupo, existem alguns elementos comuns e que são de fácil assimilação para as nossas crianças.

Sabemos que a música, como ela é percebida tradicionalmente, apresenta alguns componentes específicos: a melodia, geralmente uma voz cantada; o ritmo, que nos incita a dançar, a balançar; e a harmonia, sobre a qual a melodia se move. Hoje, essa cooperação foi alargada e inclui ainda efeitos sonoros que podem ser obtidos por meio de ruídos, ou de sonoridades tratadas como massas sonoras e que englobam parâmetros além dos usuais.

A maioria das comunidades que não se preocupa tanto com a intelectualidade e a complexidade da música, como a que chamamos de erudita, mas se preocupam com sua função (religiosa, festiva, cívica, militar, infantil) e que apresenta-se como uma manifestação mais espontânea e da qual todos participam, usa de certas fórmulas. Essas fórmulas musicais servem de base para o desenrolar da composição ou da improvisação que, por sua vez, é fundamental para o decorrer da ação: o culto religioso, a meditação, a dança, a récita, a festa, o ritual, o cantar de uma história etc.

Um deles é o pedal: uma nota (várias) que soam o tempo todo, enquanto outra voz faz a melodia. Isso é muito encontrado na música europeia da idade média e, ainda hoje, na escocesa, quando são tocadas gaitas-de-fole. A gaita-de-fole é

como um saco, no qual se sopra, e que possui três tubos de tamanhos diferentes, que recebem o ar ininterruptamente desse saco. Existe, também ligada a esse recipiente de ar, um outro tubo que é uma flauta e na qual o gaitero toca a melodia. O pedal é dado pelos três tubos fixos, enquanto a melodia “brinca, dança e ri” sobre ele.

Outra dessas fórmulas musicais é o bordão: um motivo curto que se repete por longo tempo, enquanto a melodia é feita por outra voz ou outro instrumento. Podemos observar esse tipo de construção na música das orquestras de metalofones de Bali, por exemplo, ou na dos nossos índios brasileiros.

Desde inícios do século XX, o ruído passou a fazer parte do conceito de música, e se estivermos bem atentos ao assistirmos a alguns filmes, ou mesmo a desenhos animados na nossa televisão, poderemos perceber que dentro do tecido sonoro, muito acontece, usando-se efeitos. Os efeitos podem ser como o barulho de uma moto, a buzina de um navio, o cair de um copo que se quebra, em seguida a batida de um carro em um muro, o grito de susto de alguém, uma gargalhada gostosa, entre outras e pode ser também a criação de uma atmosfera sonora a partir de ruídos ou de sonoridades musicais. Podemos criar a impressão de um turbilhão, de um enxame de abelhas, de um maremoto, de desordem, de paz, de felicidade, de uma praia ao por do sol, do espaço sideral... E tudo isso com a ajuda de instrumentos musicais ou de outros produtores de som, de gravadores, de computadores...

Mas é essencial não perdemos de vista que não é a complexidade dos objetos que usamos que vai fazer da nossa música uma criação melhor, ou menos boa. Podemos usar objetos bem simples, podemos construir nossos próprios instrumentos a partir até mesmo de sucata e obter resultados ricos e cheios de inventividade. O mais importante é que podemos deixar nossa imaginação fluir à vontade, ultrapassando barreiras, imposições, chavões e clichês, e podemos render-nos ao curso da nossa fantasia. A criação encontra caminho a partir de quaisquer meios ou instrumentos que estejamos usando. Na verdade, ela é mais forte que as ferramentas. É ela que nos impulsiona e nos obriga a realizar o que já está intuído na nossa mente.

ATIVIDADES

1. Utilizando fórmulas musicais.

- O professor trará, novamente, instrumentos musicais de fácil manipulação: pios de passarinho e instrumentos de percussão em geral.
- As crianças trarão também objetos com os quais produzirão sons ou ruídos, e instrumentos construídos por elas ou pré-existentes.
- As crianças manipularão e brincarão com eles, pesquisando maneiras de criar sonoridades.
- As crianças escolherão uma canção infantil do seu agrado, de preferência do folclore infantil tradicional *Ciranda*, *cirandinha*, *Marcha soldado*, entre outras.

- Refletir sobre o que o texto quer dizer. Avaliar a adequação da idéia veiculada (por exemplo, em *Atirei o pau no gato*).
 - Todos cantarão juntos a canção.
 - A professora dividirá a turma em dois grupos.
 - Metade da classe cantará a canção e a outra metade receberá instrumentos.
 - O grupo instrumental ensaiará a sua parte.
 - O grupo vocal ensaiará a sua parte.
 - Todos ensaiarão várias vezes e por trechos.
 - Depois haverá a troca de papéis: quem tocou cantará, quem cantou tocará, repetindo-se o processo da distribuição de células rítmicas e ou melódicas, os ensaios e a execução.
2. Cada professor deverá construir entre um e três instrumentos, a partir de sucata ou de objetos do cotidiano e deverá trazê-los ao próximo encontro. Executar a atividade proposta para as crianças.

DICA DE ESTUDO



SANTAELLA, Lúcia. **Arte e Cultura**: equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez, 1990.

Arte e tecnologia: a Arte na mídia – o rádio, a televisão, o CD, o filme, a internet

O volume de informações veiculado pelos meios de comunicação de massa amplia horizontes e até ajuda a superar estereótipos. Por outro lado, pode, negativamente, homogeneizar e descaracterizar culturas tradicionais, bem como alienar e massificar quando predomina o consumo passivo da informação sem crítica.

Maria Lúcia de Arruda Aranha

As linguagens artísticas e as tecnologias

Pesquisas realizadas nas articulações de crânios de homens pré-históricos de cerca de 100.000 anos, considerando os ligamentos e os músculos cujo funcionamento pode-se deduzir cientificamente, demonstraram que a linguagem cantada ou cantada-falada é anterior à linguagem falada. Essas revelam que grunhidos, interjeições, sinais vocais retratando medo, satisfação, raiva entre outros e, mesmos, melodias cantadas, constituíram um primeiro código de comunicação. Na sua vida grupal, o homem primitivo, com toda a certeza, foi desenvolvendo fórmulas de comunicação que, mais tarde, se organizaram em sistemas lingüísticos. Por meio desses sistemas, que constituíram as primeiras línguas, podem transmitir aos outros e às gerações seguintes os seus conhecimentos, experiências e histórias.

Em pinturas rupestres (de aproximadamente 15.000 anos a.C.) vemos cenas em que homens pré-históricos parecem estar dançando, cantando, batendo palmas, tocando instrumentos primitivos e representando em rituais e festas.

Assim, tanto os crânios, como as pinturas e as cenas nelas expostas, mostram-nos que as manifestações artísticas estiveram presentes desde os primórdios da existência da humanidade, desempenhando um papel social de extrema relevância: era um fazer constante e integravam todas as dimensões da vida.

Vemos, portanto, que as artes sonoras (música, efeitos sonoros), visuais (desenho, pintura, escultura, gravura, arquitetura) e cênicas (dança, teatro, mímica, pantomima) são tão antigas quanto a própria humanidade, e que as artes verbais (contar histórias, declamação) logo passaram a fazer parte desse universo.

Ao longo da história e com a descoberta de novos meios, novas ferramentas, novas técnicas e tecnologias, surgiram, também, novas maneiras de fazer Arte, com essas mesmas linguagens, que foram somando-se às anteriores.

Com a invenção da escrita, cerca de 4.000 a.C., apareceram as artes literárias (antes artes verbais). Surgem os primeiros registros escritos, tanto documentais quanto artísticos. Com a invenção

da imprensa, cerca de 1.450 d.C., apareceram as artes gráficas e passaram a ser difundidos em maior escala livros, panfletos, jornais, cartazes, revistas etc. O surgimento da indústria tornou necessário o desenho industrial. A descoberta de certos processos químicos possibilitou a realização da fotografia. A descoberta da eletricidade permitiu o surgimento, a partir de finais do século XIX e durante o século XX, do cinema, da televisão, do vídeo, da gravação de discos, de CDs, de DVDs. O computador trouxe as artes computacionais.

Vemos, assim, que cada tecnologia, ao invés de substituir a criatividade e a imaginação dos seres humanos, ampliou os seus fazeres e abriu-lhes novos horizontes, possibilitou-lhes a invenção de novas técnicas e linguagens, adicionando novos elementos ao vocabulário artístico já existente.

De outro lado, vemos que, em muitas manifestações artísticas, as várias linguagens aparecem, combinadas umas às outras. As canções, por exemplo, contêm música e texto; o teatro é composto pela representação, por linguagens verbais, pelas músicas e pelas artes visuais (cenário, figurino, adereços); o cinema representa todos os componentes do teatro, explorando-os, porém, de maneira diferente, além de recursos tecnológicos específicos; a instalação é uma combinação das artes visuais, adicionando-lhes sempre a improvisação. O cinema, a televisão, o vídeo, o DVD e o computador deram origem ao que chamamos de artes audiovisuais, por fazerem uso tanto dos fenômenos sonoros quanto dos plásticos.

Como podemos observar, essas novas tecnologias deram origem não apenas a novas maneiras de manipular as “velhas” linguagens (cênicas, sonoras, visuais, verbais), mas, também, a novos conceitos de arte e a novos modos de fazer arte. Além disso, facilitaram e aumentaram o acesso a ela. Cada vez mais, é maior o número de pessoas que têm a oportunidade de ver, ouvir e conhecer os produtos da atividade artística de outras pessoas, de outras sociedades e de outros tempos.

Os meios de comunicação no dia-a-dia da criança

O século XX, marcado pela ênfase à ciência e à tecnologia, viu se tornarem corriqueiros os transportes ultra-rápidos, a automação e a comunicação, em contraste com o cenário anterior, no qual se viajava em charretes ou a cavalo; e onde quase tudo era feito manualmente; a comunicação era realizada via correio, telégrafo, rádio-amador, telefones cujas conexões davam-se, às vezes, depois de dias de espera e transmissões radiofônicas de alcance precário.

Além de imensos avanços em todas as ciências, houve uma grande revolução nos meios de comunicação: “aviões, rádio, fax, satélites e a rede, cada vez mais expandida, da internet subvertem o espaço e o tempo do homem contemporâneo, aproximando os povos e alterando a maneira de pensar e trabalhar”. (ARANHA, 1996, p. 234).

O rádio e a televisão são, com certeza, os meios de comunicação com maior alcance quanto ao número de pessoas que atingem; por isso, vamos concentrar nossa atenção neles, principalmente, na TV. Do Chuí ao Oiapoque, das praias do nordeste às fronteiras brasileiras com a Bolívia e a Venezuela, em todos os cantos e quase em todas as casas existem rádio e televisão. As informações chegam às localidades mais remotas, assim como chegam às nossas casas. Chegam em maior ou menor grau, com melhor ou pior qualidade, mas, sem dúvida, de maneira muito mais democrática que há uns cinquenta anos, quando as transmissões, tanto radiofônicas quanto televisivas, passaram a ter suas tecnologias cada vez mais aprimoradas e a televisão começou a ser difundida em grande escala.

A possibilidade de reproduzir figuras e de gravar músicas e audiovisuais, de um lado, tirou o produto cultural da vivência de poucos, para disponibilizá-lo à grandes populações. O rádio, a TV e, mais recentemente, o computador trazem tudo isso para dentro do nosso círculo privado, o lar, transformando os fazeres de convivência das famílias e descortinando novas realidades.

Existe, infelizmente, uma enorme quantidade de programas e de filmes de baixa qualidade. A maioria das emissoras brasileiras “nivela por baixo”, dirigindo sua programação para o maior número de espectadores possível, cumprindo, assim, o compromisso que assume com seus anunciantes, no sentido de divulgação em massa dos seus produtos. Para isso, ignora especificidades e particularidades dos grupos e dos indivíduos, e esquece da possibilidade formativa, que poderia desempenhar, pois não lhe interessa instruir, alargar horizontes ou fazer pensar, mas, sim, prender a atenção do espectador, por meio de uma programação atraente e que o distraia.

Apesar da predominância das emissoras com fins exclusivamente comerciais, existem outras que tratam de cultura, de educação, de desenvolvimento das técnicas rurais e profissionais, do conhecimento etc. Seu número proporcionalmente tão reduzido, no entanto, faz qualquer educador preocupar-se com o tipo de formação que as crianças e os jovens estão recebendo. E qual o papel da Arte nesse contexto?

No mundo da comunicação e da mídia, vemos que as linguagens artísticas (visuais, cênicas e sonoras) estão presentes tanto como meio de expressão e como conhecimento quanto, ainda, como ferramenta de criação das próprias peças de comunicação. Nelas, os elementos da Arte (os fenômenos sonoros, visuais, verbais e da representação) constituem, ao mesmo tempo, a sua matéria-prima, os meios pelos quais a mensagem se tornará codificada e corporificada, além de se transformarem, elas mesmas, em uma manifestação artística de primeira grandeza; uma propaganda realizada com bom gosto, qualidade e inventividade, é um produto artístico.

O nosso calendário está repleto dessas peças com seus sons, suas luzes, suas cores, seus movimentos, suas formas e suas mensagens, provocando encantos e inquietações. Além de constituir a essência da linguagem audiovisual (da TV, do cinema, do vídeo, do DVD) tudo isso está também nos cartazes, nos *outdoors*, no

rádio, nos luminosos, nas revistas, nos jornais, na internet, no videogame, no CD, nos modelos dos objetos de consumo (carros, móveis, utensílios domésticos).

Se analisarmos as peças publicitárias, geralmente realizadas com muita criatividade, expressividade, humor e inventividade, veremos que a Arte, essência dessas peças, passou a constituir um instrumento para influenciar as pessoas e vender um produto ou uma idéia. Nesse contexto, a Arte é tratada como uma linguagem, uma ferramenta na criação das imagens e representações. Ela é também socializada, mas sua finalidade não é mais a vivência estética, mas a venda de uma mercadoria. Mesmo filmes produzidos em grade escala podem pretender disseminar uma determinada visão do mundo, como a de Hollywood na segunda metade do século XX e que está presente, até hoje, na programação diária das emissoras de TV.

Quanto ao mundo cheio de estímulos visuais em que vivemos, Maria Lúcia de Arruda Aranha (1996, p. 235) afirma:

vivemos em uma época que privilegia a imagem e os meios audiovisuais nos bombardeiam o tempo todo com figuras atraentes e fragmentárias. O signo verbal escrito cede lugar ao simulacro, ou seja, pode-se mesmo dizer que as imagens espetacularizam a vida, à medida que simulam o real com formas hiperreais, convertendo as pessoas em espectadores de um show permanente. A universalização da imagem não se restringe ao mundo do lazer e do entretenimento, mas dá origem a uma outra forma de pensar, distante do saber tradicional.

Tudo isso nos remete a questionamentos bastante importantes. No caso da televisão, por exemplo: até que ponto ela dirige ou influencia toda uma geração? Em que medida ela é educativa e não, ao contrário, deseducativa? A atitude de assistir a determinada programação é uma atitude passiva ou ativa? Qual a qualidade dos programas a que estamos expostos, nós e nossas crianças? O que pode ser feito para que a TV seja realmente um veículo de crescimento pessoal? As mensagens do mundo audiovisual cotidiano são apenas comerciais e manipulatórias? Ou também podem ser formativas e informativas?

MacLuhan, um cientista canadense especializado nas questões da comunicação, parte da premissa de que o acesso e a comunicação da informação, do pensamento, das idéias e da arte são um tanto diferentes de todos. Para ele, os meios de comunicação são uma extensão dos sentidos e das faculdades humanas, promovendo a compreensão de mensagens. Ele chama a atenção, no entanto, para o fato de que a facilidade a esse acesso pode levar a uma atitude comodista da nossa mente: somos alimentados ininterruptamente com tantas informações, que deixamos de analisá-las criticamente. Nessa aspecto, sua crítica coincide com a de Maria Lúcia de Arruda Aranha, quando ela afirma que as pessoas passam a ser “espectadores de um *show* permanente”.

Partindo dessas questões, surgem novas perguntas. Esse mundo cheio de sons, cores, movimentos e personagens é uma realidade na qual estamos mergulhados, nós e as nossas crianças.

Como conviver com essa realidade? Como tirar partido dela? Como fazer para que, em vez de acomodação, todo esse volume de dados a que estamos expostos se transforme em alavanca para novos saberes e novas vivências?

A educação no contexto das multimídias

Analisando a comunicação do ponto de vista individual, notamos que ela é uma experiência pessoal e que se processa, em cada um, de maneira diversa. Estudando pessoas da mesma idade, gênero e classe social, podemos perceber que, apesar de expostas a uma mesma mensagem veiculada pela mídia, cada uma se apropria de determinados elementos daquela mensagem, os reelabora e os reutiliza de maneira diferenciada.

O ser humano, criança ou adulto, filtra as informações, apropriando-se e interagindo com aquelas que para ele têm significado. Ele os relaciona com os dados que conheceu anteriormente e com as suas experiências vividas, com suas emoções, seus medos, suas angústias, seus planos, seus objetivos etc. Ele permite que interajam com sua imaginação e sua fantasia e, só então, os retrabalha em novos pensamentos e novas realidades.

Mesmo nas nossas salas de aula, observamos que cada criança, ao assistir a uma peça teatral ou ao contemplar um *outdoor*, enxergará completamente diferente. Cada uma apreenderá um aspecto diverso da mesma imagem e este será relacionado às suas experiências anteriores, que serão, invariavelmente, diferentes das do seu colega. Mesmo que duas crianças vejam a mesma mancha amarela em um cartaz, para uma, poderá lembrar o sol, para outra, o copo de suco derramado na toalha de mesa, um rosto alegre, a juba de um leão ou o guarda-sol que seus pais usam na praia, nas férias.

Sob essa perspectiva, podemos perceber que a experiência da comunicação não é necessariamente do conhecimento, desde que seja trabalhada criticamente.

Nesse sentido, é fundamental o papel da escola. Cabe a ela intermediar os inúmeros conhecimentos ou representações de mundo, presentes nas práticas sociais do cotidiano. Ao trazê-los para a sala de aula e analisá-los com suas crianças, o professor estará transformando aquele filme, propaganda, cartaz, *outdoor* ou CD em uma fonte de reflexão e crescimento. Ao conversar com elas sobre aquele objeto cultural, o educador estará ampliando os saberes e a experiência vivida delas. Estará permitindo que elas aumentem as suas próprias ferramentas de leitura da realidade que as circundam e estará contribuindo para a formação de cidadãos autônomos.

Entre os elementos que devem ser examinados em sala de aula estão desde as compreensões dos componentes artísticos da obra, mediante a leitura, a apreciação, a interpretação e a análise dessas produções comunicativas, até as idéias e visões daquela canção, fotografia ou peça publicitária.

A escola torna-se, portanto, uma agência intermediadora entre a criança e interesses comerciais de grandes corporações. Ao educar criticamente, a escola liberta a criança da condição de espectadora facilmente manipulável. Esse papel deveria ser, também, exercido pelas famílias, mas o mundo atual tem afastado os

pais, cada vez mais, do processo educativo dos seus filhos, deixando-o a cargo da escola. É ela, então, que acaba ficando com a responsabilidade de ensinar à criança a diferença entre ver e enxergar, ouvir, e escutar, distinguir o que está por trás da palavra, do gesto e da imagem.

É urgente, pois, uma prática educativa que muna a criança para a leitura do universo da comunicação em que está envolvida. Educar criticamente é essencial no caminho que vai do reconhecer a realidade ao transformá-la.

DICA DE ESTUDO



PORCHER, Louis. **Educação Artística**: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Recomendações curriculares nacionais educação infantil**: Arte. Brasília, 2001.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da arte. *In*: BARBOSA, Ana Mãe (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. ; _____. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HEMSY DE GAINZA, Violeta. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1998.
- KNELLER, George Frederick. **Arte e ciência da criatividade**. 10. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- LOUBET, Maria Seabra. **Estudo de estética**. Campinas: Unicamp, 1993.
- OLIVEIRA, Renato José. **Utopia e razão: pensando a formação ético-política do homem contemporâneo**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). **Da camiseta ao museu: o ensino das artes e a democratização da cultura**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1995.
- PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.
- SANTAELLA, Lúcia. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978, v. 2.
- VASCONCELOS, Paulo A. C. O brinquedo popular e sua função nas comunidades urbanas. *In*: KUNSCH, Margarida (org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola/AEC, 1986.
- VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madri: Akal, 1990.
- _____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

[illegible]



Hino Nacional

Poema de Joaquim Osório Duque Estrada
Música de Francisco Manoel da Silva

Parte I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Parte II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores."

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
– "Paz no futuro e glória no passado."

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Atualizado ortograficamente em conformidade com a Lei 5.765, de 1971, e com o artigo 3.º da Convenção Ortográfica celebrada entre Brasil e Portugal em 29/12/1943.

